

BRASIL-PORTUGAL

1 DE JULHO DE 1901

N.º 59



Conselheiro MATTOSO SANTOS

Ministro da Fazenda e interino dos Estrangeiros

Política Internacional

8 de junho de 1901

A crise ministerial e politica, ha tanto tempo latente na Prussia, acaba finalmente de manifestar-se pela saida do ministro da fazenda, o celebre Dr. von Miquel, e de outros dois collegas seus.

Perante as duas camaras da Dieta prussiana reunidas, o conde de Bülow, que na sua qualidade de chancelher do imperio é ao mesmo tempo presidente do conselho de ministros da Prussia, leu a mensagem real declarando encerrada a sessão. Nessa mensagem o imperador-rei referio-se á importancia que o governo liga á lei para a construção dos canaes nas provincias orientaes do reino, e como elle considera essa lei um todo indivisivel, do qual se não pôde supprimir parte alguma sem grave prejuizo para a concepção total. Além d'isso o caminho que, a proposito da referida lei, os debates iam tomando na camara baixa, e o obstruccionismo promovido pelo partido agrario, não deixavam prevér, pelo menos por agora, um accordo preventivo com relação ao projecto em discussão. Por isso o governo se vio forçado a fechar a camara.

As demissões do Dr. von Miquel, do barão von Hammerstein, ministro da agricultura, e do sr. Brefeld, ministro do commercio, foram logo accitadas por Guilherme II, que sanctionou acto continuo a seguinte recomposição ministerial: o barão de Rheinbaben, ministro do interior, foi nomeado ministro da fazenda; o barão de Hammerstein passa para a pasta do reino; o general von Podbielski é o novo ministro da agricultura; e o sr. Möller, deputado nacional liberal por Duisburgo, é o ministro do commercio. Ao Dr. von Bülow foi dado, como premio de consolação, o logar de membro da camara alta da Dieta prussiana.

Segundo informações de Berlim, a noticia da saida do Dr. von Miquel do ministerio foi recebida na Bolsa com ruidosas manifestações de alegria, que se prolongaram por alguns minutos. O mundo financeiro da capital nunca perdoou ao ministro demissionario as medidas vexatorias e quasi inquisitorias, que elle promulgou contra as especulações bolsistas. Além d'isso a sua administração financeira, apesar de habil incontestavelmente, teve sempre um exclusivo caracter fiscal, ferindo por vezes valiosos interesses economicos da nação.

A principal reforma, que elle deu nome como ministro, foi a remodelação do imposto de rendimento; mas acima de tudo tornou-se creador dos agradecimentos incondicionaes dos seus administrados pela reconstrução da cidade de Francoforte-am-Meno, que elle realisou quando foi ali burgomestre. Em que pese ao seu amor proprio de homem de estado, este é ainda o melhor titulo de gloria de que pôde ufanar-se o ex-ministro prussiano.

A solução da crise teve principalmente por fim preparar os elementos para a resolução da questão dos canaes, de que o governo não prescindiu. Tudo depende da fórma como os novos ministros tratarem com o partido agrario. Mas n'este ponto é que surge a grande difficuldade, que we submitter a uma rude prova a habilidade do conde de Bülow. A exigencia do partido agrario prussiano para votar o projecto ministerial refere-se á protecção á agricultura nacional. O que este partido deseja são umas tarifas aduaneiras taes que impeçam a entrada dos cereaes estrangeiros — isto é, russos.

Mas semelhante exigencia, além de provocar inevitaveis represalias da parte da Russia, o que representará gravissimo prejuizo para a industria allemã, terá como consequencia politica um esfriamento de relações entre os dois paizes, o que pode ser um perigo eventual não só para a Prussia como para o imperio germanico.

Eis o aspecto mais serio da crise, que provocou a demissão do Dr. von Miquel, e foi causa do precipitado encerramento do Landtag. Como conciliará o conde de Bülow as pretensões intransigentes do partido agrario com os interesses commerciaes e mais ainda politicos da nação? E' forçoso confessar, que se o chancelher de Guilherme II sair triumphante da prova, bem pôde vangloriar-se de ser o digno successor de Bismarck.

Os diferentes successos que na Europa, na Africa e na Asia tem sollicitado a nossa attenção, impediram-nos até agora de fazer referencia a um facto da mais alta importancia na politica internacional, e cujas consequencias a um futuro porventura proximo se não podem ainda medir com exactidão. Queremos fallar da viagem do herdeiro da coroa de Inglaterra á Australia, e da coincidência d'esta viagem com a abertura do primeiro do parlamento federal, que completa e sanciona a reunião n'um unico corpo politico de todas as colonias australianas. Qualquer dos factos de per si representa um eloquente ensinamento, de que devem aproveitar-se as nações colonias; mas significa tambem um acontecimento, que não pôde passar despercebido, pela influencia que está destinado a exercer na politica geral. Uma Australia é factor com que as chancellarias vão ter que contar para a resolução dos problemas que se debatem n'aquellas regiões — como o das ilhas da Samoa, das Ilhas Hebridias, da Nova Guiné, etc. Mas uma Australia unida, conjugada com a Inglaterra pelos laços de lealismo, de que acaba de dar provas tão eloquentes a proposito da viagem do duque de Cornwall, é mais do que isso, pois passa a ser elemento decisivo para a orientação de um dos membros mais preponderantes do concerto europeu.

Dissemos-nos n'uma das anteriores revistas e repetimol-o novamente: a guerra do Transvaal, com a opinião dos publicistas anglo-phobos

devia ser o prologo da dissolução do imperio britannico, deu pelo contrario ensejo a que se apertassem os laços, que prendiam — mais frouxamente antes d'esta guerra — as colonias á mãe patria.

O que se tem passado na Australia com a visita do duque de Cornwall excede tudo quanto os mais optimistas podiam prevér. E' esta a opinião unanime da imprensa ingleza.

Sidney, Melbourne e as outras cidades da federação tem rivalizado em patenciar ao herdeiro da coroa imperial a sua incondicional adhesão e o seu lealismo, tanto mais de apreciar quanto até hoje tão avaro havia sido em manifestar-se. Cortejos, revistas, sessões de gala, paradas, illuminações, e um enthusiasmo popular, no dizer de todos os correspondentes, mais expansivo ainda do que o do povo da propria Inglaterra, não cessaram desde o primeiro dia do desembarque até agora de accentuar bem a significação do facto, que n'este momento o novissimo continente celebra. Mas acima de tudo teve excepcional importancia o reverso extraordinario solemne do acto da abertura do primeiro parlamento federal pelo representante e em nome do rei de Inglaterra. O espectáculo, de incomparavel brilhantismo e de magestade unica, teve a imponencia de uma verdadeira cerimonia religiosa, tão grande foi o recolhimento com que todos os assistentes ouviram o discurso real, a proclamar a unidade indissolúvel do imperio, que fóra do recinto da sala das sessões pelas ruas e pelas avenidas era saudada freneticamente pela multidão ao truar da artilharia, enquanto dentro e em volta dos representantes da federação um côro de donzellas de Melbourne entoava em meio da commoção geral e em côro o *Hail Britannia*.

Nunca em condições mais patheticas nem tendo como fundo mais commovedor scenario se escreveu tão bella pagina de historia — d'estas que não evocam a recordação de sangue derramado, mas fallam de fraternidade, paz e concordia como d'um antegosto do que ha de ser o futuro da humanidade!

A viagem do duque de Cornwall continúa, e já faz favor que a acompanhará até ao fim o mesmo enthusiasmo. Já da Nova Zelandia, a unica colonia que até agora se recusou a entrar na federação, chegam noticias das festas que ali se preparam para receber os reaes viajantes, e no Canadá a recepção, conforme as noticias que d'ali vem, excederá tudo quanto até hoje ali se presenciou.

Como se vê, o exito da viagem é completo; e o meio da crise politica, a guerra do Transvaal, a Inglaterra pôde estar satisfeita pelo patriótico espectáculo que as suas colonias estão dando ao mundo.

Do outro lado do Atlantico, nos Estados Unidos, as attensões estão n'este momento concentradas em dois acontecimentos, apparentemente sem relação entre si, mas no fundo ligados pela communidade da causa, que os produz a ambos. Estes dois acontecimentos são: a eleição do presidente Mac-Kinley através da União, e o movimento de concentração de todos os syndicatos monopolistas ou *trusts* n'um *trust* monstro. D'este ultimo facto, prenuncio das mais graves transformações e perturbações na economia social do povo americano, occupar-nos-hemos n'outra occasião. Por agora vamos limitarnos a accentuar a significação do primeiro.

A presidencia de Mac-Kinley epocha na historia dos Estados Unidos o começo de uma nova epocha. A guerra com a Espanha e consequentemente como resultado d'ella, a aquisição de Porto Rico de Cuba e das Philipinas, transformou a União n'uma potencia colonial e iniciou a politica do chamado «imperialismo», completa antes della a orientação até hoje seguida pelos dois grandes partidos americanos — republicano e democratico.

Uma parte importante do pais, não preparada ainda para tão rapida transformação, combate energeticamente as tendencias megalomanicas do actual presidente. O sr. Bryan, o candidato derrotado, mais intemerato das duas ultimas eleições, é o chefe do partido de resistencia. Por isso Mac-Kinley se vê forçado a esta «viagem» ou antes «campanha» presidencial — verdadeira cruzada a favor da politica recentemente inaugurada na Casa Branca.

Um correspondente americano do *Times* lembra a proposito da actual viagem a celebre campanha de Mid-Lothian promovida por Gladstone para a defesa da sua politica e propaganda dos principios, que elle então defendia. O sr. Bryan, o candidato derrotado, a situação dos dois homens publicos, sem contar que Gladstone era apenas chefe de um partido, enquanto que Mac-Kinley é o proprio chefe do Estado, que desce da região serena e imparcial, onde devia conservar-se, para se lançar no mar agitado das paixões e dos interesses das facções politicas. Similhante inversão das boas praxeres constitucionaes deve ter produzido uma impressão conpraproducente na grande massa do pais, que não está infundada aos corrilhos electoraes. E' o que parece deduzir-se da noticia que o telegrapho nos transmite, e segundo a qual Mac-Kinley teria, para explicar os fins da sua viagem, publicado uma especie de manifesto, no qual categoricamente declara não só não estar preparando uma nova realcação, mas achar-se firmemente disposto a não a aceitar, mesmo que o suffragio pela terceira vez o quizesse elevar ao alto cargo de presidente da republica.

CONSILIERI PIRELLA

Exposição de Bellas-Artes



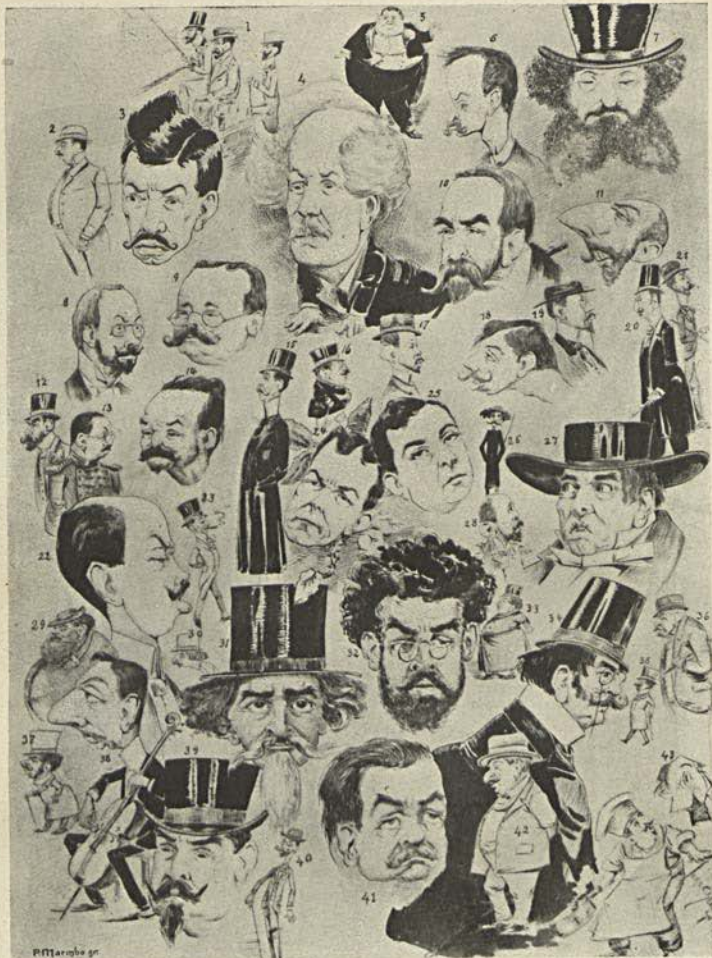
Busto em bronze da sr.ª Duquesa de Palmella



Busto em marmore de Costa Motta



ANTES DA CAÇADA—Aguarella de S. M. El-Rei



Caricaturas de Jorge Colção
(Na Exposição de Bellas-Artes)

1, Henrique Burnay guiando o seu phaeton, com seu tio Carlos Krus ao lado e seu irmão Eduardo atrás — 2, O filho do sr. Vieira da Silva, consul do Brasil — 3, Conselheiro João Franco Castello Branco — 4, Visconde de Chancelleros — 5, Actor Chaby — 6, Achilles Machado, lente da Escola Polytechnica — 7, Dr. Mendes Monteiro, opulento capitalista — 8, Conselheiro Antonio Ennes — 9, Antonio Campos Junior, do *Seculo* — 10, Conselheiro Affonso Vargas, ministro das Obras Publicas — 11, Marquez de Pombal — 12, Rosa Catatau — 13, Major Oliveira Ramos — 14, Oliveira Ramos, do *Primeiro de Janeiro* — 15, D. Juan de Castro, consul de Hespanha — 16, Barbosa Collen, antigo jornalista — 17, Typo popular — 18, Conselheiro Campos Henrique, ministro da justiça — 19, Gualdino Gomes, escriptor — 20, Carlos Santos, da firma Fonseca, Santos & Vianna — 21, Antonio Caldeira, *sportman* muito conhecido — 22, Oliveira Soares, antigo vereador da camara municipal de Lisboa — 23, Dr. J. Martins, medico naval — 24, Actor João Rosa — 25, Actor Augusto Rosa — 26, Julio Dantas, auctor dramatico — 27, Actor Taborda — 28, H. Lopes de Mendonça — 29, Paulo Plantier — 30, Typo popular — 31, Conselheiro Pereira Carrilho, director geral da contabilidade publica — 32, D. João da Camara — 33, Padre Santos Farinha — 34, Marquez de Franco e de Almodovar — 35, Dr. João Taborda — 36, Menezes, typo popular — 37, Antonio Joaquim Ribeiro, proprietario — 38, Maia Cardoso — 39, Conselheiro Francisco Maria da Cunha — 40, O *vertical*, typo popular — 41, Conselheiro Ferreira do Amáral — 42, Eduardo Garrido — 43, Conde de Burnay — 44, Jorge Colção.

CASA DA MOEDA

Não é preciso ir descobrir a sua origem, nem fazer a sua historia, para dar ao leitor a impressão curiosa da rapida visita á Casa da Moeda, em companhia do mais amavel cicerone, como o é o sr. Casimiro José de Lima, antigo e distincto empregado d'essa officina do Estado. Porem de lado toda a estatística que se poderia fazer dos serviços a seu cargo, abandonamos mesmo a ideia de acompanhar as interessantes gravuras que a objectiva do *Brasil Portugal* apresenta hoje através das suas paginas, e offerecendo o nosso braço ao leitor, vamos contar-lhe antes de mais nada, mas muito succintamente, de forma a não o maçar muito, a historia da moeda, desde que é mandada fazer até que sabe, cunhada, da thesouraria da Casa da Moeda, e vai correr mundo, em troca dos sapatos que rompemos e das batatas que comemos.

Essa visita tem de ser muito rapida, por que, desde o momento em que não entrámos positivamente n'aquellas officinas para estudar a maneira de fazer dinheiro, a valer, restamos apenas o direito de não alulterarmos a descrição do que vimos, para que se não diga que fazemos moeda falsa... de observadores.

Pouco importa conhecer que data tinham as primeiras moedas ali cunhadas. Basta que se parta da lei de 29 de julho de 1854, e se vá perscrutar o numero de contos de réis de lá sahidos até hoje, nos diferentes metes, desde o velho ouro, em que fizeram as cédulas de muitos cordões de peixeiras dos nossos avós e ainda hoje são o adorno preferido de muita burguezia moradora na Baixa, *dilletante* de procições e possuidora do seu pé de meia, até ao nickel, em que o ultimo ministerio houve por bem transformar aquellos pequeninos papeis, muito bem impressos, mas facéis vehiculos de todos os microbios conhecidos e ignorados para as nossas cartieras. Desde 1854, a moeda que tem sahido da Casa da Moeda e que hoje ainda anda em giro divide-se em quatro especies: o ouro que desapareceu; a prata que arromba as algibeiras; o nickel que as suja; e o cobre que inunda o mercado. E cada um d'elles poderia representar uma phase de vida economica da nação, se em vez de entrarmos passeando, como *touristes*, na companhia do leitor pelas officinas da Casa da Moeda, nós estivessemos apenas a fazer historia. Em verdade, o ouro amodado em virtude da lei, já citada de 1854, representa o periodo aureo da nossa administração publica. E' o periodo em que se rasga o paiz em estrados reaes, e se desenrola do sul ao norte uma larga rede de vias ferreas, é o periodo que in-

cia a longa epoca de melhoramentos materiaes, a seguir ás luctas civicas, ás revoltas politicas, e vem marcar na historia portugueza o principio de uma era de paz e de prosperidade.

A prata tem tambem a sua historia. Começa no mesmo periodo de actividade agricola e fabril, mas ora corre o paiz desafiando os moedeiros falsos a imital-a. ora repousa tranquillamente nos depositos, segundo os altos e baixos da circulação da nota, o que accentua já o exagero da despeza em relação



Fachada da Casa da Moeda

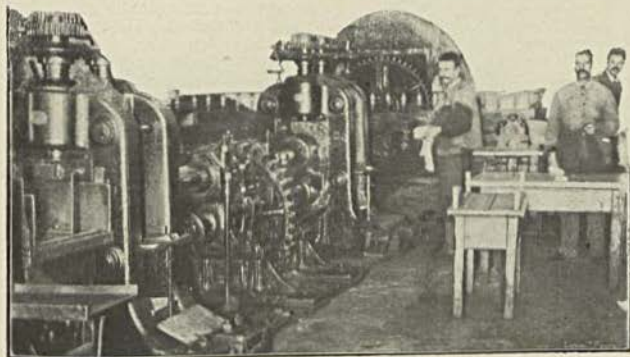
ao desenvolvimento sempre progressivo, mas pausado da riqueza publica.

O cobre desdobra-se então n'uma complicada arvore genealogica, desde o velho pataco com que muito buliçoso irrequieto partiu a pinha dos seus contemporaneos, até á pequenina e levisissima moeda de cinco réis, hoje quasi *démódé*, até mesmo para uso de corações caritativos.

Passam-se muitos annos, a economia nacional soffre repetidos e dolorosos golpes, a situação financeira agrava-se, a questão do nosso credito complica se, o Estado procura então fazer dinheiro, não como d'antes para facultar pés de meia á burguezia avara, mas para adquirir lucros na cunhagem, e d'essa lucta constante de todos os dias, sabe a moeda de nickel, imitada dos paizes que lutam com difficuldades. O nickel é portanto o representante do nosso periodo angustioso em que já é tudo ficção na sociedade portugueza, desde a lei até o dinheiro. Começa então a correr uma moeda que vale mais do que

pesa, e começa a pesar-se a rara moeda antiga que valia o que outro pesava. Equilibram-se assim, graças á habilidade dos homens, as forças da circulação fiduciaria. N'estas rapidas linhas fica a psychologia da amoeção da nossa moeda, segundo o chronista. Vejamos agora o seu valor estatístico segundo os dados positivos que amavelmente nos cederam e que ficarão sendo a parte historica interessante e importante d'este artigo.

Lembram-se das moedas de ouro? Recordam-se portanto que ellas eram de dez mil réis até dez tostões. As primeiras foram quasi todas parar



Laminadores na officina de amoeção

aos ourives e figuram hoje como berloques em muita pulseira elegante e em muito collete burguez. As ultimas quasi se eclipsaram, logo que appareceram. Tiveram ephemera vida assim como as moedas de dois mil réis em ouro. As de cinco mil réis, essas, as poucas que escaparam á economia particular, debandaram do paiz, e naturalmente não seguem as pisdas dos filhos prodigos. Já cá não voltam.

Pois desde 1834 até este anno, o dinheiro amoeado na Casa da Moeda, tem sido o seguinte:

Ouro — Em moedas de:

Réis 10.5000	1.831.030.5000	
» 5.5000	4.889.515.5000	
» 2.5000	1.161.100.5000	
» 1.5000	68.057.5000	7.950.002.5000

Prata — Em moedas de:

Réis 15000	1.800.000.5000	
» 5500	23.390.595.5000	
» 5200	2.891.019.5000	
» 5100	945.270.5200	
» 5050	175.522.6200	31.202.176.5100

Nickel — Em moedas de:

Réis 5100	1.600.000.5000	
» 5050	100.000.5000	2.000.000.5000

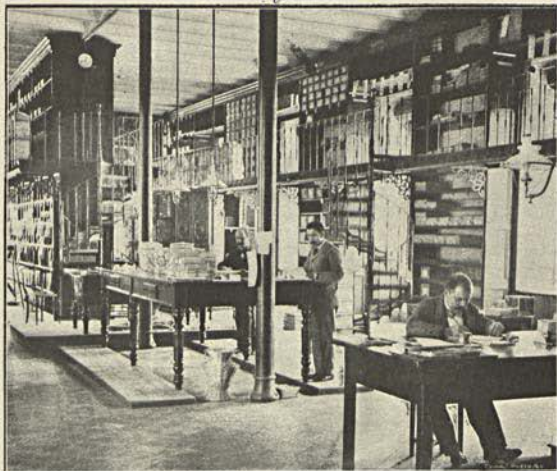
Bronze — Em moedas de:

Réis 5020	1.777.150.5000	
» 5010	581.083.8900	
» 5005	112.300.5000	2.500.533.8900

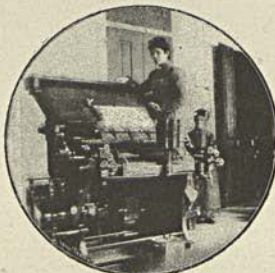
Cobre — Em moedas de:

Réis 5020	3.000.5000	
» 5010	3.250.5000	
» 5005	2.750.5000	17.000.5000
		43.669.972.9200

A barra de qualquer toque, sempre superior a 916, entra na Casa da Moeda, e depois de ensaiada é entregue á Thesouraria, passando depois á fundição, onde é feita a liga com o toque da lei. Fundida depois em reguas, estas são ensaiadas novamente, e se o toque for achado certo, entregam se á officina da



Deposito de papel sellado e sellos



Machina de gommaz

amoedação. As barras são sujeitas aos laminadores grandes, recosem se para amaciarem e continuam na laminagem. D'ahi, passam aos bancos de ajuste e a seguir aos sacca bocados e á cortagem. Uma vez cortados os bocados, quando em ouro e prata são pesados, um a um, em balanças automaticas, passam depois pelas machinas de rebordar. Recosidos e branqueados, effectua-se então a cunhagem dos bocados, depois de escolhidos, e entregam-se na thesouraria.

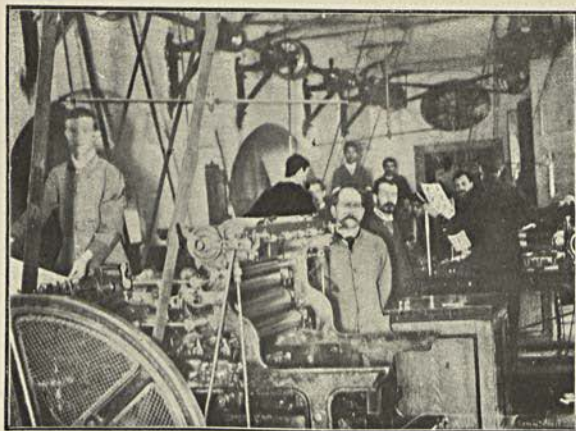
Esta a carreira que o metal segue dentro das officinas da Casa da Moeda desde que para lá entra em barra até que de lá sahe em boa moeda.

Nas officinas figuram machinas já bastante antigas mas de magnificos resultados. Predominam as inglezas. O leitor encontra nas gravuras que hoje reproduzimos a historia figurada da moeda, cuja descripção acabamos de fazer muito a correr.

Os serviços estão montados com inextinguível perfeição. Centralizados na superior direcção entregue hoje ao sr. conselheiro Augusto José da Cunha, esses serviços, que datam de 1863, são a prova mais frizante de que não são as reformas repetidas, as reorganizações constantes, as innovações diarias que aperfeçoam a administração do paiz, a qual antes melhora com a evolução natural que a pratica ensina e indica.

Os serviços estão distribuidos pelas officinas de amoedação, a cargo do sr. Casimiro José de Lima, o cicrone da nossa visita; da fundição, dirigida pelo sr. José Baptista Teixeira; do sello, pelo sr. Fernando Schiappa de Azevedo; de galvanoplastia, pelo sr. Arthur Carlos da Silva Freire; de gravura, pelo sr. Venancio Pedro de Macedo Alves. O laboratorio chimico é dirigido pelo sr. Carlos Serzedello e o armazem de papel sellado pelo sr. Jorge da Fonseca Leotte.

Todas estas officinas formam por assim

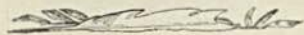


Machinas de impressão na officina de sello

dizer dois serviços distintos: o da fabricação da moeda e o da gravura do selo, em papel, letras, estampilhas, etc. A historia da primeira está feita, a da ultima não carece de ser descripta: — parece-se com todo o trabalho conhecido em gravura, e as machinas que imprimem se não são as mais modernas, são as que a pratica de annos indigitou como as de melhores resultados.

Pela direcção d'este estabelecimento do Estado, que é irreprehensivel na sua organisação interna, passaram antes do actual director, o sr. D. José de Saldanha Oliveira e Sousa, irmão do fallecido Marquez de Rio Maior, agronomo distincto, intelligente e activo; o conselheiro Mathias de Carvalho, actual ministro de Portugal junto do Quirinal, e muito conhecido no Brasil onde por largos annos representou diplomaticamente o nosso paiz; o notavel chimico, homem de alto valor scientifico é ao qual a Casa da Moeda deveu relevantes serviços, Sebastião Bettamio d'Almeida; e mais anteriormente Joaquim Francisco Azevedo e o Visconde de Villarinho de S. Romão, estes tres ultimos todos fallecidos.

Visitando-se a Casa da Moeda fica-se a um tempo com a consolação de ter observado a mais inexcusable ordem n'um ramo importantissimo da administração publica, e com o pesar de que agora, em vez de sahirem de lá tostões em nickel não saiam, como em tempos que vão já longe, boas peças em ouro...



OS DIABOS E OS VELHOS

FALA a lenda japoneza.

Era uma vez um velho, que tinha um enorme lobinho sobre a cara, na face direita por signal. Certo dia, achava-se elle na montanha a cortar lenha — era esta a sua humilde profissão, — quando o surpreendeu uma terrivel tempestade, chuva a potes, ventania desabalada, o raio faiscando nas alturas; tão terrivel, que se viu obrigado a ficar por aquellos sitios e a buscar um abrigo para a noite. Abrigo, na floresta, era difficil problema; um grande tronco de arvore, escavado pelos seculos, offereceu-lhe a unica guarida.

No seu posto, agachado e sem dormir, foi o velho passando tristes horas. Alta noite, principiou a dar razão d'um estranho vozear, longe a principio, mas pouco a pouco avizinhandose-lhe. — «Olá,

resmungou, tanta gente por aqui, e eu que contava achar-me só?...» — E pôz-se a espertar, curiosamente, sem sombra de receio.

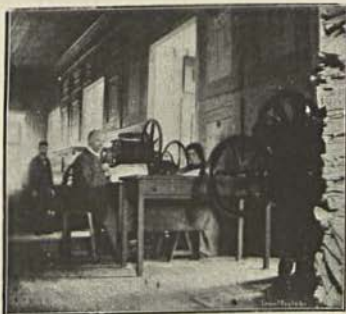
O que o velho então viu, muito a custo, á luz fugidia dos relampagos, mal pôde imaginar-se. Uma numerosa sociedade approximava-se; mas nunca ao velho apparecera tão extranha sociedade como aquella.



Laboratorio de ensaios



Officina de fundição — Vasando o metal na reiheira



Machinas de cortar papel



Armazem de papel — Escolha e conferencia

Era um bando immenso de patucos, de diabos incontestavelmente medonhos nos aspectos: uns, encarnados, vestidos de kimonos verdes; outros, negros, vestidos de kimonos encarnados; a um faltava um olho; a outros o nariz; alguns não tinham bocca. Puzeram-se a acender uma fogueira enorme, com palha, com

folhas, com cavacos que encontraram; e as chamas sinistramente os patelearam. Accorados em torno da fogueira, em duas filas, bebendo *saké* em amigavel reinação, pareciam mesmo gente, os taes demônios. A vasilha ia passando á roda, de garra em garra, entre os convivas; e tantas voltas deu, e renovada tantas vezes foi, que já não tinham conto as bebedeiras. Um dos mais jovens assistentes ergueu-se como ponde, e começou uma cantiga, dançando ao mesmo tempo; os outros imitaram-n'o. Era então extremamente emocionante a vista da paizagem: a fogueira ateadá pelas rajadas successivas, alastrava-se e subia furiosa até ás nuvens, em turbilhões de fumo e labaredas, e ia alumando diabolicamente a scena inteira — ramarias de bambus e de pi-

nheiros, profundezas de bosques, penedos gotejantes, torrentes espumosas, e ainda a turba immensa dos diabos esbravejando em mimicas atrozes. — Uns rodopiavam em vertiginosas piruetas; outros iam gravemente alçando a perna e ensaiando minuetes; outros immoveis, ou antes querendo assim quedar-se, ondulavam em bordos grotescos de borrachos; e de collina em collina os echos repetiam os torvos descantes em falsete, de mistura com as lamentações das arvores açoitadas pelo vento e a salva de artilheria dos trovões. Berrava uma voz esgançada: — «Que grande reinação! mas bem quizera ver mais alguma novidade!...»

Mettido no seu esconderijo, o rachador de lenha passou por todos os tormentos que o espanto, o susto, o desamparo, juntos produzem no animo d'um velho. Por fim, passadas ho-

ras, ia já folgando na festa — ou não fosse elle japonês! — e tal poder teve sobre elle a bambochata, que lhe venceu escrupulos e temores, e o levou a esta resolução formal: — «Malem me embora estes diabos, se quizerem; mas pretendo tambem ir pandegar!» — Surdindo então da toca, barrete enfiado até ás orelhas, machadinha suspensa da cintura, eil-o a reinar-se á malta, a dar as boas noites e a ensaiar passos de dança. Foi agora a vez de se espantarem os demonios; mas tão comico era o velho no seu pobre corpinho corcovado avançando em meneios e recuando após, e virando-se para a direita em cortezias, e voltando-se para a esquerda em reverencias, e traçando no ar com o pé descalço estapendas parabolas choreographicas, que desataram todos em risota gritando: — «Viva o velho! muito bem! que bem que dança o velho!» — E proseguiram depois n'este proposito: — «Queremos que tomes sempre parte em nossas festas, por seres mui reinadio; mas, como póde acontecer que não pretendas voltar mais, vaes deixar-nos um penhor de que acederás a este convite.»

Consultaram-se entre si, e decidiram da consulta extrahir-lhe o lobinho; muita gente do povo, é notorio, considera este achaque como um valioso talisman para ser-se afortunado. Eil-os pois, olhos attentos, braços nús, dedos alfandando, lanceas e tenazes em acção; e o velho estendido sobre o solo, um segura-lhe uma perna, um outro a outra, outro prende-lhe os braços, outro delicadamente ampara-lhe a cabeça; e saíram-se do caso com limpeza, não causando a menor dor ao paciente. Depois, foram guardar o lobinho n'um estojo.

Quando, sereno já o tempo rompeu a madrugada, uma bella madrugada cõr de rosa, e os pardaes começaram a pappear nas ramarias, desapareceu então a malta dos demonios. O velho desceu á sua aldeia. Entrou em casa mui contente, ainda um tanto estonteado de bebida, sem o lobinho é claro, com a sua face muito lisa, sem o mínimo defeito. O caso maravilhou com razão a companheira e a gente conhecida. Ia-se servindo o chá pela familia e pelos curiosos que accorriam, sobre a esteira, junto do brazeiro; e era uma chuva de exclamações e de perguntas, que obrigaram o velho a explicar, nos seus detalhes surprehendentes, as peripecias da extranha noite que passára na montanha.

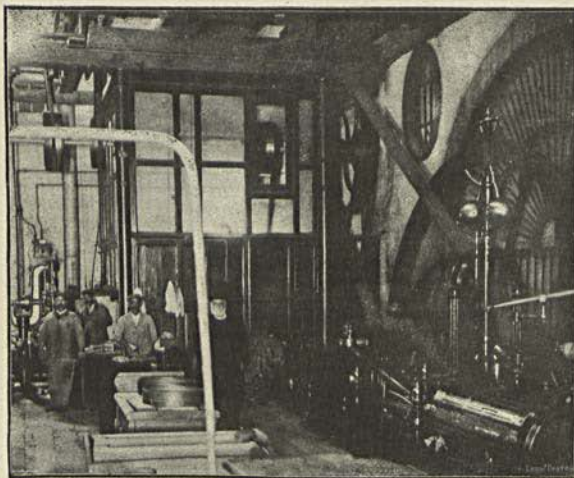
Ora, havia entre os visinhos presentes, um outro velho, que tinha um enorme lobinho sobre a cara, na face esquerda por signal. Muito calado, assim com ares de não prestar ouvidos á palestra, ia em mente, o finório, retendo todas as mi-



Atelier do gravador Venancio Alves

nucias. Não partilhando das crendices da gentalha, pelo contrario desejando vêr-se livre do tortulho, ia ja estudando a maneira de entregar-se nas mãos de tão sabios curandeiros. Eil-o pois, por uma noite escura, caminho da montanha; seguidamente, eil-o abrigado sob o mesmo tronco de arvore, á espreita dos diabos. Não faltaram. Começou a bambochata, — risota, dança, vinho. — Juntou-se então aos demonios, a medo, um outro figurão. — «Olá, cá está de novo o velho! voltou, e vem dançar!» — Dançou, effectivamente, e sem ser muito rogado; mas era um desastrado, e tão mal desempenhou o seu papel, tão falta de geito e de pilheria, que os demonios tomando-o sempre pelo conviva primitivo zangaram-se e disseram-lhe: — «Enganaste-nos, brejeiro! és um grande desgeitoso; devolvemos-te o penhor que nos deixaste e aconselhamos-te a que não pises mais este logar.» — Um da chusma foi buscar o lobinho, e zás! pespegou com elle na face direita do sujeito. Saira de casa com um lobinho, voltou com dois, um lobinho em cada face. Póde imaginar-se o desapontamento do sujeito e a hilaridade dos visinhos. Parece que, na aldeia, durante semanas e semanas, paralisou todo o trabalho; os velhos, as velhas, as raparigas, os garotos, não faziam senão rir, rir a bandeiras despregadas, — e o caso não era para menos!

WENCESLAU DE MORAES.



Apparelhos para branqueamento de metaes — Motor na officina de amoeção

A sociedade favorece o vicio antes de o censurar, e fomenta o crime antes de o castigar.

EDM. THIANDIÉRE.

Aquelles que amámos e que perdemos, já não estão onde estavam, mas estão sempre onde estamos.

ALEXANDRE DUMAS.

Um homem é muito mais vezes deshonrado pela indiscrição do que pela desonestidade de sua mulher.

DUQUEZA DE NEWCASTLE.

PENTEADOS FEMININOS

Ante de adornar os cabelos tem sido sempre a principal preocupação da mulher. E compreende-se que assim aconteça, porque os cabelos são o elemento primário da beleza feminina. Desde a mais remota antiguidade, também, que o coquetismo feminino volta suas atenções para a coloração dos cabelos. Como succedeu em Roma depois da conquista das Gallias por Cesar, o loiro tornou-se moda nos nossos dias, e por isso toda a mulher que se espartilha nos precécios da mais alçapreada elegancia procura incendiar os cabelos com os tons esplendidamente brilhantes da aurora boreal, tenta dar ás tranças o flavo do trigo, da cerveja, do mel novo ou do acajú, passando-lhes por cima a complacente esponja embebida no henné, ou nas loções de agua oxigenada, de ammoniaco, chlorureto de prata e sulfato de cobre, ou de acido pyrogallico, ou simplesmente humedecida no vinho de Champagne. As mais estremadas tranças cosmeticas, as mais insidiosas escamotagens de toucador, os mais especiosos subterfugios capillares, merced dos quaes se bigodeia a ingenuidade dos papalvos, tem por elemento basilar — a prata, o cobre, o potassio e o chumbo, e são, conseqüentemente damnosos á hygiene.

Os cabelos reclamam cuidados particularissimos e convertem-se n'um bello adorno, logo que a respectiva proprietaria os sabe pentear artificialmente, e harmonisar o penteado com as linhas geometricas das feições e a forma da belleza, . . . se a tiver. Antes de adoptar o penteado em voga, procurará saber se a sua cara — curta e redonda ou comprida e oval —, o seu perfil e a sua regularidade physionomica irão bem com elle. Os cabelos loiros, ordinariamente mais flexiveis e mais compridos que os negros, prestam-se a todas as combinações, a todos os arranjos, a todas as formulas, porque suas nuances numerosas, seu oiro tepido e brilhante, seus reflexos mudaveis, scintillam intensamente nas voltas, nas catadupas, nos anéis transparentes e vaporosos, e dão maior leveza ao penteado; emquanto que as cabelleiras pretas, os cabelos negros como o infinito das trevas, apenas formam, a maior parte das vezes, uma massa compacta e pesada. A configuração do nariz é de notavel importancia na escolha do penteado. Aos narizes ligeiramente aquilinos convem o penteado regular, symmetrico, pouco alto; aos narizes finos, esportos, o penteado de genero, constituído por linhas esdruxulas e inesperadas; aos narizes pequenitos e arrebitados o penteado frisado, em desordem apparente, quebrado por uma *aigrette* palpitante ou por uma flor; aos narizes decididamente aquilinos, de um desenho audaz, o penteado historico, magestoso e regular. Charles Blanc, no seu livro *L'Art dans la Parure et le Vêtement*, ministra conselhos profucos a este respeito, conselhos que são reforçados pelas observações assidas de Gabriel Prévost no seu estudo intitulado: *Le Nus, le Vêtement, la Parure*.

Para melhor accentuar as asseverações d'estes tratadistas, bastará dizer que a simples posição dos bucles determinava grandes differenças physionomicas, desmanchava as linhas do perfil. Assim, os bucles pendentes, usados no tempo de Madame de Sévigné, davam figuras de cabras ás mulheres, e os bucles horizontaes, estylados nos primeiros annos do reinado de Luiz Philippe, prestavam-lhes caras redonditas, uns laivos de bom humor, uns ares saudaveis.

Nas physionomias dos homens pôde-se constatar facto identico, por que os rostos — os seculinos trazem o carimbo



do dandysmo ou do snobismo variavel, privativo de cada geração. Assim, os janotas d'antão, os contemporaneos de Lamartine, com collarinhos que ultrapassavam as orelhas, gravatas que faziam duas vezes a volta no pescoco, e trunfas á Gavarni ou topetes romanticos, apresentavam caras longas e afiladas, perfis cavallares; e os nossos peralvilhos de raga fatigada, com gravatas magestosas como faxas que encobrem abcessos no cachapo, o chapéo derrubado sobre o nariz, os bigo-

des com uma orientação insolita, a face prognata e a boca *chose de poule*, accusam burlescos perfis gallinacos.

Se, como quer Alphonse Kar, a toilette de uma mulher é um altar aos deuses desconhecidos, o penteado deve ser o *capo lavoro* d'esse altar. Ceiméne ou Philaminta, Agnès ou Dorina, Lisette ou Mimi Pinson, todas lhe rendem, por igual, a homenagem dos seus cuidados. A Biblia já preceitava a Aeera do arranjo dos cabelos, embora essas bellas judias que se chamavam a rainha do Sabá, Sathsabé e Herodiada, umas vezes deixassem fluctuar seus cabelos de eneaños de sortilegio, e outras vezes os acastellassem, presos com fitas de seda ou de oiro ou com collares de coral. Os desenhos hieraticos do templo egypcio de Denderah reproduzem Cleopatra de tranças ubias caídas. Os felitos do penteado variaram muito na Grecia a partir do seculo v.

O *chi-gon* sobre a nuca, á moda de Tanagra, os bandós riscando estreitos triangulos de seda luminosa sobre a fronte, todos os refinamentos e todas as phantasias da arte de toucar, fazem com que as atenienses do seculo de Pericles possedessem, sem recio de dissimilhança, acotovelar as bellas isbóteras, que praticam o *footing* sobre os betumes da Avenida, ou passam, n'um murmúrio de sedas, pelos mosaicos do Chiado

As gregas perfumavam os cabelos, aguarrellisavam-nos com a louvabilissima *eór* das vestes de sol, e suspendiam minusculas cigarras de oiro dos annéis que lhes cahiam sobre a fronte.

As romanas pentearam-se, primitivamente, com a simpleza maxima das Lucrecias e das Cornélias, das castas matronas que ficavam em casa e fiavam lanã. A partir, porém, da época imperial, seita tão difficil enumerar as formas dos penteados como contar os carvalhos de uma floresta ou as abelhas do Hybla, conforme a hyperbole de Ovidio. Apparece o uso dos ferros de frisar, dos perfumes e das fitas, recorre-se ao emprego das cabelleiras; vem depois a applicação das perucas e dos cabelos posticós. Juvenal fala «de edificios, de verdadeiras torres encimando as cabeças femininas.» Marcial fecha as mulheres com este epigramma perfurante como um *stylete* dasmaquino: — «Fabulla jura que seus cabelos lhe pertencem, e tem razão, porque os acaba de comprar.» As grandes damas espicavam-se com alfinetes as ancellas ornamentistas, quando estas eram ineptas ou tardas na confeicção dos penteados.

Durante a Edade-Media, a mulher loira firma seu predomínio. Cabellos que tomavam claridades aureas de pepitas ou reflexos snarissimos de topazios cingem as frentes das medievas como regios diadematis. Os romances de cavallaria abundavam tanto em heroínas loiras — d'esse loiro fino, ambarado, de uma ligeireza de pastel —, que se chegou a ponto de se sentir a nostalgia das morenas.

Não nos propomos tracejar a historia minuciosa do penteado, por ser assumpto que demandaria um gordo volume. Indicaremos, tão somente, as mais salientes modalidades que elle tem revestido. Seguiu-se, a eito, o uso da crespinha, coifa ou garavim, dos cabelos levantados em cima da cabeça e sustidos por um circulo de oiro, das toucas chamadas *cafficon*, que affectavam formas bizarras de duras exerecencias bovinas, e do *heemin*, adoptado por Izabel de Baviera depois de enaalvear. No tempo de Francisco I, estreia-se o górró á hespanhola. Succede-lhe o chapéo de homem, mais ou menos alterado, e que, por modificações successivas, nos conduz ao chapéo feminino hodierno. A filiação d'este entronca alli.

O epitulmo mais interessante da historia do penteado cabe ao seculo xviii. Desde o penteado á grega, imaginado por Frison, ha um ról d'elles, da mais estapafúrdia onomastica. O costume de misturar quin-

quilhares patuseas com os cabellos deu alôr aos voadouros da phantasia dos inventores. Os penteados attingem a altura de um metro, motivo por que as damas tinham de se ajoelhar dentro das carruagens! Sobre esses monumentos encontra-se de tudo — passaros, jardins, florestas, bellissimas plamas varrendo o espaço e pondo um *scrolo* heroico sobre as frentes. Chegaram-se a trazer fragratas com velas igadas e flammaes tremulantes. A descripção dos toucados esquipaticos pedia a linguagem hyperbolica do hotel Rambouillet, todo o fogo artificial da rhetorica. Grimm diz na sua Correspondencia que o cabelleiro Beaulard polleava-se para representar, allegoricamente, os artigos politicos das gazetas.

A açção do tabardilho republicano, do bacillo democratico, faz baquear as instituções... e os penteados. As bellas do Directorio põem cabelleiras postigas; e os cabellos á Tito estão na ordem do dia durante o Imperio. Depois, o penteado *varium et mutabile semper*... A Rachel e a Malibran — para as quaes a luz da rampa era o verdadeiro sol — tornam-se arbitros da moda. Tendo esta ultima apparecido n'um sarau do conde de Pieroni, em 1827, com um turbante á judia, todas as celebridades do Goffin da Belleza, todas as que eram bellas segundo o Evangelho do Bello, adoptam o turbante e os bandós achatados contra o perfil linear, rebocado por cretões cosmeticos, alveado por cerusas redolentes, jaspeado por bismutho e branco de baleia.

O Segundo Imperio apresenta a extrema variabilidade dos penteados, as mais retraindas manigancias da arte capillar. Ha o penteado á *la chéne*, ha os bucles pendentes, ha o cabello á Traviata, á princeza Mathilde, á Patti, á Benoiton, á Favart. *J'en passe et des meilleures*... O loiro da Imperatriz foi a moda das modas, a moda apta a inspirar aquella poesia leira a que se refere Alfred de Vigny. Depois, é usança o vermelho manipulado segundo o recípe de Cora Pearl, uma Phrynea para a qual subia o incenso de todos os arospagos de gabinete particular. Conforme um escriptor coetaneo, houve varias *usances* do loiro facticio: cor de trigo, de juba leonina, de acajú, de reflexo lunar, de tabaco claro, etc.

Se o seculo XVIII assistiu ao triumpho dos cabelleiros que mais phosphoro cerebral despendiam na invenção dos penteados — Lameth, Larseneur, Léonard, o seculo XIX assistiu ao triumpho dos mestres que opinavam em assumptos de toucador com o aprumo de um decretista em materia canonica — Duplan, Hyppolite, Tellier, Constant, Plaisir na Restauração, Mariton sob Luis Philippe, Le Roy e Félix no tempo da imperatriz Eugenia.

O toque fatal das trombetas germanicas faz reunir os muros da imperialista Jerichó franceza e... o *chignon*, que, no dizer suggestivo de Ramalho Ortigão, cahiu como uma alubora que se despega do aboboiro merecho.

Chegamos á actualidade. Nota-se logo que o penteado baixo tende a substituir o penteado alto. O penteado da mulher é uma obra de arte, e, como tal, tem de ser cuidadosamente estudado. Já dissemos que deve harmonisar-se com a linha do nariz; tem egualmente de obedecer ás linhas physiologicas. E' deante do espelho que a mulher tem de procurar a solução d'esse alto problema, que quasi reclama o frio compasso da geometria e a se-

deverá eleger o penteado baixo, o penteado *moderno-stylo*. A risca ao meio dos cabellos dá certo ar calmo e certa doçura ás feições; mas a garfide da risca ao lado presta um caracter viril ao semblante, alguma coisa de aventureiro que provem da contrariedade das linhas.

E como é da praxe actual que as joias femininas tenham



uma in-
tenção
symbolica,
veem-se os

cabellos mordidos por pentes com esmaltes subtile, em que cada circeladura tem uma significação litteraria. Pendemos a acreditar que a moda dos penteados altos é devida aos maridos argutos, que se pronunciam contra minoriturasas provaveis, contra recurvas ossificas que podem desportar nos respectivos craneos. Taes penteados não permitem momentos de abandono e outros lances galantissimos, porque, depois de desarranjados, só um cabelleiro os pôde refazer; emquanto que os penteados baixos reconstruem-se n'um prompto.

Aquelles cavalheiros, pois, adornam a cabeça da mulher no prudentissimo intuito de defender a propria...

Como todas as coisas que morrem, a arte do penteado parece querer despertar n'um ultimo arranco. E talvez que os artistas capillares consigam dar-lhe algum brilho, graças á campanha inaugurada contra o porte do chapéo senhoril no theatro.

PINTO DE CARVALHO (Tinop).

A estrategia alinha os batalhões; o ardor guerreiro dá-lhes a vida e o movimento.

ALMIRANTE LA GRANIERE.

No conflicto dos povos modernos, a vantagem será para aquellos que, com pequeno material, tiver conservado os costumes antigos.

Se os oradores dissessem á multidão apenas o que ella comprehende, todos os discursos seriam curtos.

Nada caracteriza fneelhor a decadencia do que um certo ar de gravidade na loucura.

A. CLANNAU.

Os nossos odios ou as nossas sympathias, quanto menos razoaveis são, mais tenazes se tornam.

A honestidade de muita gente explica-se pela difficuldade que muita vez se sente em se ser desonesto.

HENRI MEILHAC.

Quanto mais facil fôr dissolver a familia pelo divorcio, mais difficil será constituir-a pelo casamento.

ARBADE LEMERE.



verdade das equações algebricas. Se a cabeça é curta, ou brachycephala, proacheyará dar-lhe a apparencia oval, empregando o penteado alto, que se levanta em ondas graciosas sobre a nuca, que se ergue como uma tiara de luz doce, dando á proprietaria uns ares de estatua de Minerva modelada pelas mãos de um Praxiteles ou de um Phidias. Se a cabeça é alongada, ou dolicocephala,





Saudades dos Açores

IV

Estavamos á vista da Terceira. A viagem foi boa. Chegámos a 27. Direito a terra, ia o *Funchal* cortando as brumosas solidões do mar, de mais em mais tranqüillo na aproximação da costa. Luminosamente, desdobrava-se a manhã por aquelles rochedos, ainda ha pouco longinquo e mal descortinados no fundo imenso da nevoa e sombrio das aguas . . .

Agora, toda a Ilha se desdobra aos nossos olhos, se contorna e se destaca do esfumado nevoeiro alvacento que a envolvia ha instantes. As rochas negras da base, as arestas bagacinosas dos picos, os angulos mais vivos — já tudo se distingue. Mais nos aproximamos, mais e mais, para então seguirmos, decididamente, a doce linha da costa. De minuto em minuto, solta o *Funchal* um signal estridulo de buzina, que perfura a terra em eccos demorados; todos os vastos campos despertam; e na espessura verde das collinas, nos grandes ramos das faias, estremezem ruidos miudinhos de azas que se espreguiçam, e percebem-se, longe, sonoras cantigas de melros que madrugam.

D'esse lado nos chega e nos banha a frescura penetrante dos odores da terra, de mattos, de pastagens, de curraes de vacas, de laranjaes floridos, de humidade ilhõa. Já se avistam choupanas, casas, egrejas, freguesiaes, brancuras que parecem bandos de pombas mansas, descaçando o vôo. Crescem os milhos, que dá gosto vê-los; e com a ajuda de Deus vão revolvendo a terra trilhos, grades, sachos e arados. . .

Tres quartos de hora, meia hora ainda, e teremos entrado na bahia. De mais em mais, o *Funchal* buzina e a força da marcha, agora, diminue um pouco. Lá estão, e lá ficam, os *Ilhões*, destacados e autonomos, dando pasto aos carneiros e independencia ás vacas. Afinal, todo o Monte Brasil nos surge e se nos impõe, eternamente verde, eternamente bello; e ao fundo, e á direita, bem firmada e subindo das valentes muralhas do seu porto, ufana de suas glorias e do seu castello, ostentando na imminencia mais viva, e que no azul do céu mais se salienta, a *Memoria* dos seus feitos libereas — a sempre branca, sempre caída, sempre nobre e muito leal cidade de Angra.

. . . A' prõa do navio, que se prepara para lançar ferro, absortos, silenciosos, contemplamos a terra. Quantas coisas passam pela nossa cabeça, enquanto o nosso olhar se fixa em tantas outras coisas! E agora, quando mais proximos nos vêmos d'esta querida terra, afigura-se-nos que a saudade d'ella mais intensa se torna. . .

Tantos annos depois que a deixára, eu só ia encontrar, a bem dizer, coisas novas, aspectos novos e novas sensações, na minha querida Angra, terra de meus paes, terra de meus avós, e minha querida terra. Deixara-a, quando ainda o entendimento, mal formado, me não consentia reparo demorado nos seus encantos de cidade antiga, a irmã mais velha das cidades do Archipelago, tão graciosamente accidentada e cheia de alcantís, tão donairosa de traça e de

estrutura, «perola de Ophir que o Grande Infante Henrique soube engastar na corõa dos reis de Portugal!» — embora muito me enleassem e me prendessem a ella as bellas historias de navegadores, de donatarios e de guerreiros, que ella me contava, e com que tanta vez me embalaria, me adormecera, e docemente me lançara em sonhos, que se desfazião com o alvorecer e se perdião na luz do sol, que vinha beijar-me no berço.

A cidade, que eu vinha encontrar agora, era bem a mesma que deixara muito novo ainda, prolongando até ao fundo do mar as suas mesmas muralhas, erguendo quasi até ao céu os seus mesmos miranetes, recordando no azul os mesmos bastiões e as mesmas torres do seu famoso castello.

Desembarcado, pisando outra vez a terra onde ensaiara os meus primeiros passos, percorrendo as suas mesmas ruas, cortando pelas suas mesmas travessas, procurando a sombra das suas mesmas arvores, eu ia reconhecendo, palmo a palmo, esse mesmo solo; ia contando, uma a uma, as mesmas pedras da calçada; ia abraçando, com

infinito prazer, os mesmos patricios que encontrava ás portas das mesmas lojas; ia saudando, com enternecimento, as mesmas singelas creaturas que assomavam ás janellas das mesmas casas.

Mas tudo isto tinha agora para mim um diverso sabor, tudo me sorria agora de um outro modo, tudo me distrahia os olhos e me entretinha o espirito num maior enleio, que eu não sabia explicar, que eu não procurava mesmo explicar, mas que muito desusadamente me impressionava, muito docemente me prendia á terra e á gente.

As coisas mais simples interessavam a minha attenção; as creaturas mais modestas avivavam o meu affecto. A cada passo, e em passo de precissão, me detinha para olhar fosse o que fosse: o primitivo letreiro de uma rua, o braço de uma velha casa, o ferrolho de uma porta, a rotula de uma janella, o nicho de um santo, os restos de um azelejo, o recorte de um telhado. . . Depois, os antigos conhecimentos, os parentes, os companheiros da escola, os camaradas de bons tempos, já brancos uns, que tão loiros eram, outros casados e rodeados de filhos, muitos ausentes, mortos, emigrados, na America, no Brasil, na eternidade!



Costumes terceirenses. O MANTO

Parecia já não ter fim a travessia da cidade nesse dia de chegada. Da ponta do caes da Alfandega, subindo a Rua Direita até à Praça Velha, tinha-se gasto uma hora. Nunca uma linha recta — como é a d'aquella rua — foi distancia tão longa entre dois pontos. Se eu, em vez de fiar-me na geometria, houvesse dado a volta pela Muralha, galgasse as escadas do Portinho Novo, e trepasse a Rocha, teria descrito uma curva muito sinuosa, mas estaria em casa em menos de um quarto de hora. Assim, só Deus sabia a que horas eu lá iria chegar!

Depois da Rua Direita, vinha a Rua da Sé — a rua principal, a grande arteria da cidade, cujo alegre bulicio nessa manhã de domingo eu não teria trocado nem pelo ruidoso movimento do Boulevard dos Italianos, nem pela festiva agitação da Puerta del Sol, nem pelo pittoresco vae-vem de Kalverstraat, nem pela decantada alegria do Corso.

Numa extensa fila ao longo do passeio, encostando a roda ao ladrilho — como nós dizemos — alinhavam-se ao sol os carros de bois e as pequeninas carroças de um cavallo só, que tinham vindo das freguezias dos campos, da Ribeirinha e da Aqualva, dos Altares e dos Biscoitos, a espalhar na cidade o seu alegre contingente de rapazes e raparigas, de velhos e de velhas, vestindo as suas roupas meliores, estreando carapuças e lenços de ramagens; os homens descalços, em mangas de camisa e de jaqueta ao hombro — a camisa de linho grosso, alvinitente, com abotoadura dupla de filigrana de ouro, e a jaqueta de panno fino, cõr de castanha ou preto; as mulhe-

res de galocha de marroquim vermelho, azul, verde, amarello, saia branca bordada por suas proprias mãos, saia de lã tecida pelo seu proprio tear, saia de chita cortada pela sua propria tesoura, — e o casquinho singelo, cortado a direito e sem feitiço de cintura, ou da mesma chita de que se fez a saia, ou de casimira preta, orlado de espiquilha.

Contrastando com esta louçania da população endominguada dos campos, descia a rua, do lado da sombra, enca-

minhando-se para a missa das dez horas na igreja da Misericordia, o formigueiro das devotas da cidade, de manto e de capote — o que ainda não ha muitos annos constituia o trajo de quasi toda a parcella feminina das classes médias: o *manto*, que se compõe de saia e capello de merino preto, a saia de grande roda, franzida em muitas e muito miudinhas prégas á volta da cintura, com largo refego em baixo, e o capello tambem franzido e atado sobre o cõs da saia, a frente aberta e recobrendo a cabeça á maneira de telheiro, que um fóro de cartão sustenta e torna flexivel, permitindo que quem o veste, e nelle se embioça, possa dar fé de tudo quanto se passa cá fóra, sem que ninguem, cá de fora, possa saber quem é que lá vae dentro; o *capote*, quasi sempre feito de baeta escura, cõr de café bem torrado, é uma larga capa franzida no pescoco, desprendendo sobre os hombros o amplo cabeção, e aconchegando á cabeça o desconforme capuz, que não esconde o rosto, e á farta cae pelas costas . . .

Ainda o sino da Misericordia tocava para a missa das dez, e já outros vinham descendo para a missa das onze, na igreja do Collegio. A missa das onze era a missa das profissões liberas — dos empregados publicos, dos negociantes, dos professores, dos escrivães, dos procuradores, todos elles de sobrecasaca preta, calça clara, cõr de alfazema ou de flõr de alicrim, chapéo alto, bengala de castão de prata, bota de polimento com pespontos amarellos.

Lá vinha Augusto Cesar — Augusto Cesar Pacheco! que ensinara as primeiras letras, e preparara para o antigo exame de admissão nos lyceus, a umas poucas de felizes gerações. Lá vinha o Antoninho do Bispo, secretario geral de todos os negocios ecclesiasticos da diocese, desde a instituição do bispado dos Açores por bullas de Paulo III até aos nossos dias — e que mettia um bote de rapé por cada venda de cada vez que cheirava uma pitada, assoando-se depois a um lenço de Alcobaca encarnado capaz de entontecer um toiro á saída da gaiola. Lá vinha João de Sousa Ribeiro, chefe de orchestra



Costumes terceirenses. VENDEDOR DE LEITE



Angra do Heroísmo. A BAHIA

nos intervallos do seu emprego publico, empregado publico nos intervallos da orchestra — e, nas horas vagas de uma e outra coisa, aderecista e caracterizador do Theatro Angrense, preparador de museus e fabricante de vélas de cera, compositor, encadernador, organista, flautista, clarinetista, organisador de todas as festas moveis e immoveis, roda de fogo, foguete, busca-pé . . . Lá vinham o Doutor Nogueira, allopatha, e o Doutor Pinheiro, homeopatha — sempre a respeitavel distancia um do outro, na rua como na medicina, olhando-se sempre de soslaio, na sciencia como na clinica . . .

Passam depressa os bons momentos da vida, e assim depressa passaram para mim os poucos dias que d'essa vez me detive na Terceira. Andei por lá tão interessado em ver tudo e em dar fé de tudo, como se se tratasse de terra desconhecida, aonde me houvesse levado pela primeira vez esta minha mania das viagens, que não me deixa parar em ramo verde. E para bem aproveitar o meu tempo organizava um programma para cada dia.

Um dia inteiro era destinado a percorrer a cidade, dos portões de São Pedro ao Livramento. Que largas e magnificas ruas! Que uniformidade e que aprumo! Que honestidade e que acieio! A cada passo assignalava a justeza do que ouvira uma vez dizer ao Visconde de Castilho a respeito de Angra — a nobre cidade dos palacios, a mãe das aristocracias insulanas, a senhora de cem morgados aliados ás primeiras casas de Portugal . . .

— «Angra é uma bella cidade; devéras que o é; não se lhe faz favor em a designar com este adjectivo. Das tres açorianas é a melhor, sem duvida.»

A pouco trecho, não eram já as bellas ruas de Angra

que eu andava percorrendo, nem as suas solidas architecturas que eu andava admirando, nem as suas pittorescas escarpas e contra-escarpas por onde eu ia subindo; eram as paginas da sua epopéa de gloria que os meus olhos folheavam e reliam; eram os seus feitos de heroicidade que eu reconstituia em mente; eram as luctas dos seus brios e das suas liberdades que eu sentia reviverem nas pedras dos seus muros e nas legendas dos seus brazões . . .

Dom João III erigia a em cidade . . . «Dom João por graça de Deus Rei de Portugal e dos Algarves, d'aquem e d'além-mar em Africa, Senhor da Guiné, e da conquista, navegação, commercio da Ethiopia, Arabia, Persia e da India . . . A quantos esta minha carta virem: Faço saber que vendo eu em a nossa Ilha Terceira de Nosso Senhor Jesus Christo a villa de Angra agora tão acrescentada em povoação, e assim ennobrecida, Nosso Senhor seja louvado, por onde bem mereçe ser cidade: e havendo a isso respeito, e assim aos muitos serviços que dos moradores da dita villa tenho recebido, assim nos socorros e provimentos que dão ás minhas armadas e naus da India, quando ao porto da dita villa vão ter, como em outros serviços em que me sempre servem, quando d'elles é necessario como bons e leaes vassallos, que são: e tendo por muito certo que sendo feita cidade, e tendo os privilegios e liberdades que tem as outras cidades de meus Reinos, ainda muito mais nobre será, por onde eu receberei dos moradores d'ella muito mais; e querendo-a acrescentar, assim pelos ditos serviços que d'elles tenho recebido, como pelos que ao diante espero receber, e por lhe fazer graça e mercê, eu, de meu proprio moto, certa sciencia, poder real e absoluto, sem elles m'o



A cidade de Angra do Heroísmo. O MONTE BRASIL

requerem nem outrem por elles, me praz de a fazer, e por esta faço a dita Villa d'Angra cidade; e quero e me praz que d'aqui em diante seja cidade; e se chame a cidade d'Angra...»

Cincoenta annos depois, nella assentava o Prior do Crato o governo de Portugal, com seu palacio real, erario regio e casa de moeda.

O titulo de «muito nobre e sempre leal cidade» davalho o Dom João IV, com seu novo brazão de armas: escudo esquartelado; ao primeiro, em campo de vermelho braço de prata armado, com espada na mão; ao segundo, em campo de prata açôr de sua côr; e assim os contrarios; sobre tudo um escudete das armas de Portugal. Corôa mural. Timbre, o braço das quas.

Destronado e desprestigiado, outro rei portuguez, o triste Afonso VI, nella encontrava a paz dos seus dias derradeiros.

Em nome da rainha Dona Maria I, nella se estabelecia a séde da Junta provisoria, e depois a capital do reino, até ao dia em que assumiu a regencia o Duque de Bragança.

Feita depois capital de um dos tres bellos districtos dos Açôres, e nunca desmentindo valor, lealdade e merito, era condecorada com a gran-cruz da Torre e Espada, que pende de fita azul em volta do seu brazão.

De tudo isto me falavam as muralhas do pequenino porto de Angra, as fragilidades do forte do Monte Brazil, a Memoria das campanhas liberaes, a Praça da Restauração, o Largo de 22 de Junho, o solar dos condes da Praia, descendentes de Jacome de Bruges, primeiro donatario da Terceira e seu povoador.

ALFREDO MESQUITA.



Conselheiro Mattoso Santos

Ministro da fazenda e interino dos estrangeiros

Por medidas de valor, por medidas acertadas e oportunas providencias, tem o titular da pasta da fazenda assignado a sua estada no poder.

Esta publicação, que pela sua indole não conhece parcialidades politicas, prestou-lhe a justiça devida ao valor pessoal quando el-rei sancionou a elevação do professor insigne e do funcionario modelo aos conselhos da corôa.

Hoje que elle assumiu, ainda que interinamente, a gerencia dos negocios estrangeiros, o *Brasil-Portugal* cujas paginas foram tantas vezes honradas com o seu nome, regista com jubilo este facto.

Pelos seus talentos, pelo tracto fino e captivante, pelo seu conhecimento dos negocios publicos e das nossas relações internacionais, o conselheiro Mattoso Santos estava precisamente indicado para a gerencia de uma pasta em que são indispensaveis as qualidades que o caracterisam: de homem de Estado e de homem de espirito.



Doutor ZEPHERINO CANDIDO

É de todo o ponto justa a homenagem que presta hoje o *Brasil-Portugal* a um dos portuguezes que pelo seu valor e pelos seus serviços mais tem honrado o nome da patria em terra brasileira.

Foi ha 22 annos para o Rio de Janeiro e de então até hoje, crevendo, ensinando, fazendo por todas as fôrmas a propagação de

uma instrução solida, modernamente orientada, o dr. Zepherino Candido bem merece da terra portugueza onde nasceu, onde conta velhos e sinceros amigos.

N'esta illustração não é costume alongarmos-nos em detalhes para pôr bem em foco as individualidades visadas. Tanto tempo, porem, tem estado ausente de Portugal o dr. Zepherino Candido que é justo relembrar o seu passado e especialisar servicos por elle prestados aos dois paizes.

Em 1873, muito moço ainda, formou-se na nossa Universidade em duas faculdades: philosophia e mathematica, e n'esta ultima se doutorou em 1875.

Foi professor de mathematica e introdução, proprietario e director do Collegio Academicum de Coimbra.

Escreveu todos os livros do ensino de mathematica que foram adoptados em Portugal e Brazil.

Fez parte das primeiras commissões de exames nos lyceus do reino. É autor da *Resposta ao Questionario* em que propoz uma reforma de ensino secundario em 1895.

Redigiu com Corrêa Barata o *Seculo* até ir para o Brazil, revista scientifica e litteraria em que sustentou a mais viva lucta a favor da libere-



dade com os drs. Manuel Emygido Garcia, Bernardino Machado e Corrêa Barata, da Associação Liberal de Coimbra.

Foi em 1878 para o Brazil em propaganda do methodo João de Deus, depois de ter sido no paiz e especialmente em Coimbra o seu mais devotado apostolo. N'aquella cidade fez, na Associação dos Artistas, a primeira exposição pratica do methodo e fundou ali a primeira escola de Coimbra.

Ficou no Brazil no professorado particular, dirigindo o Collegio de S. Pedro de Alcantara, de sua propriedade, o primeiro em importancia do Imperio.

Foi jornalista, dirigindo o *Crusoeiro*, logo em 1878, a *Epoca*, de sua propriedade, e depois o *Paiz*, de que foi forçado a separar-se pelo seu estado de saúde.

A sua feição actual é essa, de historiador. Foi orador official nas festas do centenário da India no Rio de Janeiro, em 20 de maio de 1898; nas festas do descobrimento do Brazil, por parte do Instituto Historico, de que é socio, em 22 de abril de 1900.

Além dos discursos, dissertações e trabalhos esparços sobre historia da navegação e conquista, de que fez a sua especialidade, publicou n'estes tres annos os seguintes trabalhos em livro — *Portugal*, grande edição de luxo em 3 volumes, para a commemoração do centenário da India; *Tres Estudos* com as monographias da obra de Vasco da Gama, Villegaignon e Colombo; *Brasil*, grande edição de luxo, editada pelo governo do Brazil, para commemoração do centenário do descobrimento do Brazil.

A *Honra de Vasco da Gama*, um folheto de critica em defesa d'este navegador, que uma memoria apresentada á nossa Academia havia desmerecido.

Ultimamente defendeu os interesses do commercio portuguez em dois momentos celebres e de ambos se sahio com completa victoria: na questão da peste bubonica, em que foram destruidos todos os productos da nossa importação vegetal, como batatas, cebollas, alhos, fructas, etc., e na questão da salubridade dos vinhos portuguezes.

N'aquella conseguiu, pela sua batalha no *Jornal do Commercio*, que se modificasse a legislação sanitaria, accetando-se como indemas aquelles productos commerciaes.

N'esta, pelos seus artigos no *Paiz* e no *Jornal do Commercio*, conseguiu a permissoão de acido salicylico na proporção de 0,3 grammas por hectolitro de vinho.

O dr. Zepherino Candido, actualmente em Lisboa, veiu á Europa, em missão de Instituto Historico, procurar materias para a formação da *Historia do Brazil* nos tempos colonias. São portanto igualmente uteis aos dois paizes os seus trabalhos.

O assassinio do pintor Greno

Um d'esses crimes extraordinarios, profundamente tragico nos seus pormenores e incomprehensivel no seu proposito, profundamente doloroso e triste nos seus effeitos, acaba de ter por theatro um primeiro andar da travessa de S. Mamede, onde ha muitos annos viviam o pintor Adolpho Greno, antigo pensionista do Estado em Paris, homem de 48 annos, magro, alto, trigueiro, barba curta, physionomia sympathica e bondosa, e sua mulher de origem hespanhola D. Josepha Greno, artista como elle, pintora muito distincta sobretudo de flores. Este casal tinha comegado a sobrinha de 20 annos e uma creada.

Uma noite d'estas, Greno voltava ás 11 horas para casa. beijou como sempre sua mulher, tomou chá e foi para o seu quarto, pois desde que soffrera um ataque de rheumatismo, dormia só. A sobrinha e a creada recolheram-se tambem e despediram-se da dona da casa que não se sabe se se chegou ou não a deitar. O que se sabe é que ás 4 horas da madrugada, ouvindo um tiro, a sobrinha e a creada, sobresaltadas correram ao quarto de Greno que dormia, deitado de lado na cama. Junto ao leito, de pé, e de revolver na mão, a mulher desfechava-lhe á queima roupa varias balas uma das quaes o deve ter morto instantaneamente.

Aterradas, a sobrinha e a creada gritaram por soccorro. Accudiu a visinhança e o policia que estava de serviço na rua e que a prendeu. A desvairada esposa pediu então licenca para comer alguma cousa, e com o maior sangue frio que se possa imaginar e que logo fez desconfiar das suas faculdades mentaes, sentou-se a tomar chá e a comer pão com manteiga. Quando acabou, levantou-se, poz o chapéu, e acompanhou a pé o policia até á esquadra do juiz criminal, onde o chefe de serviço a interrogou logo...

Mas porque matou D. Josepha Greno, o marido, de quem gostava tanto e que tão amigo era d'ella? Por uma allucinação de momento? Não. Ella propria o confessou e muita gente o sabe, que ha uns poucos de mezes premeditava o crime, chegando em abril a desfechar um revolver contra elle. A bala errou, foi metter-se na hombreira de uma porta, os visinhos accudiram como agora, mas Greno, explicou o caso como tendo se disparado por acaso o revolver, e o caso passou sem ser espalhado. Mas os mais intimos que ha muito percebiam certo desarranjo mental na criminosa, pediam que se acatelasse. Greno sorria, e respondia que ella estava melhor, que as allucinações passavam, e cobria-a de carinhos e de ternuras.

O primeiro revolver foi deitado fora por elle proprio que ignorava a aquisição do segundo, feita na antevespera, por 95000 réis.

Mas seria o ciúme o mobil do crime? É possível. Ciúme em todo o caso sem motivo, mas comprehensivel talvez em quem não está completamente na sua razão, e que amando muito o marido, vendo-se velha, e abatida, mais idosa uns poucos de annos do que elle, começava a recejar que o coração do marido lhe fugisse.

Nos interrogatorios da policia e do juiz do tribunal, nas declarações feitas a meudo ás pessoas que elle fallam na prisão, nas conversas ameadadas com as pessoas que a tem visitado, D. Josepha Greno apesar de muito chorosa e triste, teima que não podia deixar de acontecer o que aconteceu, que a vida em commum era impossivel, que o marido a fazia soffrer muito, que era muito amiga

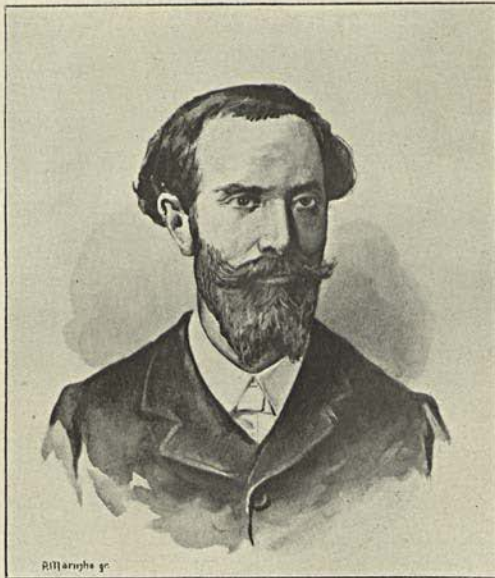
d'elle e que ella o amava doidadamente, mas que tinha de o assassinar por força... E n'esta repetição continua de phrases, entrecortadas de soluços, não dá uma explicação, não aponta uma razão, não tem uma atenuante para o seu desvairamento.

Tudo isto fez suppôr que soffre realmente do cerebro, e para que a justiça possa conhecer e avaliar bem até onde se pôde pedir a responsabilidade dos seus actos, vae ser submettida a um minuciosissimo exame medico legal. Para a familia, incluindo o proprio irmão de Greno, para todas as pessoas que conheciam esse lar de artistas, para os amigos intimos do pobre morto, D. Josepha Greno está douda, mas está douda ha um anno, desde que abandonou o trabalho, sem voltar ao atelier, descuidando as toilettes, não querendo, pintar mostrando-se nervosa, excitada, triste, tendo grandes exaltações com o marido, cujas meiguices e carinhos não conseguiam serenal-a.

As insistentes perguntas do juiz sobre as razões que a levaram a praticar o crime, ella apenas disse que o marido gastava todo o dinheiro. Ora isto em absoluto não é verdade. Gastava porque vivia à larga, mas gastava com a casa e com ella.



D. Josepha Greno



Adolpho Greno

A autopsia feita ao cadaver, na vespera de ser enterrado, mostrou que elle havia sido ferido com tres balas. Uma ferira-lhe o dedo indicador da mão esquerda, fracturando-l'ho. Outra entrou-lhe na omoplata direita, e a terceira n'uma profundidade de 5 centimetros, cortou a pleura e os pulmões. A essa se attribue a morte.

A impressão produzida por este triste acontecimento foi enorme em Lisboa e no paiz. Os pintores Greno, como se lhes chamavam, eram muito conhecidos e muito estimados, e os seus quadros apreciados sempre. As telas de flores, pintadas por D. Josepha Greno eram mesmo notabilissimas sob o ponto de vista artistico e logo depois do crime, os dois ultimos quadros seus que estavam na Exposição de Bellas Artes, foram adquiridos.

Agora o pobre Adolpho Greno dorme já no cemiterio o seu eterno somno, e D. Josepha está no Aljube esperando o *eredictum* da justiça social. Para elle abriu-se a sepultura, para ella a prisão, e da alma d'esses dois artistas, nada mais restará senão um cerebro desvairado ou

um coração dilacerado pelo remorso...

Talvez o primeiro, porque ella a meudo, mesmo quando chora de saudade pelo marido, repete sempre:

— Remorsos, não, remorsos não tenho. Isto tinha de ser!
Nem mais uma razão, nem mais uma explicação...

MODAS

Toilette de visitas

Fig. 1

Em bengalina *bleu*. A saia em forma de sino tem uma costura ao meio do panno da frente e outra atraz.

Tres entremeios são collocados na frente ao alto e outro em baixo em toda a volta da saia, como a figura representa. Corpo-bolero. Sobre um forro de seda *crème* é montada uma blusa franzida em gaze de seda também *crème*, apertada por uma cintura de seda *azul-bleu*. Pequeno bolero da mesma fazenda da saia, guarnecido de entremeios. Gola alta direita em seda azul. Pequena manga recortada sobre um buffante de gaze de seda *crème*, preso n'um alto punho de seda *bleu*. Chapeu redondo em palha, ornado apenas de tulle *bleu* e flores.



Fig. 1
Vestido de visitas

Amazonas

Fig. 2

Primeiro vestido em panno preto. Saia cortada em forma sobre a pessoa a cavallo. Jaqueta justa, abotoada ao meio e ornada na frente, sobre os lados, imitando um collete gola, genero *tailleur*. Collarinho e gravata branca.

Chapeu de côco, baixo, em feltro.

Segundo vestido em panno cinzento *Marengo*. Saia talhada como a precedente. Jaqueta justa, comprida, aberta em baixo sobre um collete de piquet branco. Gola e bandas genero *tailleur*. Manga de cotovello. Collarinho e peitilho de bretanha branca e gravata de



Fig. 2
Amazonas

sobre a aba um elegante laço de fita nas mesmas côres.

Jaqueta para meia estação

Fig. 4

Em panno preto, cortada em forma de vasca curta e recortada na frente, tendo também um recorte largo na borda. Um vizez ondulado e pespontado enfeita estes recortes.

Bandas de seda de phantasia, recortadas, assentam sobre um vizez de seda lisa. Gola alta, voltada e guarnecida com a mesma seda das bandas.

Blusa Arlequin

Fig. 3

De um gosto esquisito e fóra do vulgar esta elegantissima blusa,



Fig. 3
Chapeu *Fanouse*

seda preta. Chapeu de côco em feltro preto.

Chapeu Fanouse

Fig. 3

Em palha grossa, azul, enfeitado com uma farta grinalda de *bleus*, côres variadas, collocada da direita para a esquerda, tendo

na, a que daremos o nome de *Arlequin*. É muito trabalhosa, porque é toda formada de pequenos quadrados de bordado branco, alternados com medalhões de *chantilly* preto.

Punhos altos e peitilho em seda branca em pequenas pregas e gola alta também pregueada com uns bicos voltados em bordado e estreita renda á borda.



Fig. 4
Jaqueta meia estação

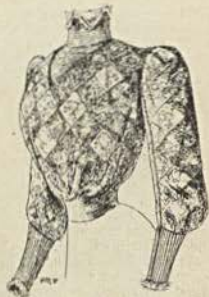


Fig. 5
Blusa Arlequin

BRASIL—PORTUGAL

Composição e Impressão

Texto e capa: Companhia Nacional Editora
Largo do Conde Barão, 50

Paginas supplementares: Off.º Escrivo Nunes & F.º
Rua d' Assumpção, 15 & 21

REVISTA QUINZENAL ILLUSTRADA

Directores

Augusto de Castilho, Jayms Victor, Lorjº Tavares

Editor—Luiz Antonio Sanchez

Redacção e administração—Rua de S. Roque, 115

Ead. telegraphico—BRATGUAL—LISBOA

ASSIGNATURAS

ESTADOS UNIDOS DO BRASIL		PORTUGAL	ILHAS, AFRICA E ESTRANGEIRO	
Anno.....	Moeda brasileira.....	3\$000	Anno.....	7\$000
Numero avulso.....	7\$000	6 mezes.....	4\$000
			Numero avulso.....	\$400

SUMMARY

Política internacional—CONSIGLIERI PEBROSU.

Casa da Moeda.

Os diabos e os velhos—WENGELAU DE MORAES.

Penitidos femininos—PINTO DE CARVALHO (Trop)

Saudades das Açores—Ilha Terceira—ALFREDO

MESQUITA.

Conselheiro Mattoso Santos.

Dr. Zeferino Candido.

O assassinio do pintor Greco.

Modas.

PAGINAS SUPPLEMENTARES

Os nossos correspondentes.

Capas para o «Brasil-Portugal».

Cartaz da Quinzena.

Do perigo de fazer visitas levando cães—(Conto

mudo).

O NOSSO JORNAL—(A quinzena noticiosa).

«Bibliographia»—M. F. D.

Anedotas.

O CEGO—Romance de PEREZ GALDÓS.

43 Illustrações

OS NOSSOS CORRESPONDENTES

A empresa do BRASIL-PORTUGAL tem já os seguintes representantes:

No Brasil

RIO DE JANEIRO e S. PAULO—Agencia Central dos Estados do Sul. Coronel Theodorico Pupo de Moraes e José Martins Polio, Rua de Alameda, 4, sobrado.

PERNAMBUCO—A. Leopoldo da Silveira.

PARANÁ—J. B. dos Santos—(Livraria Classica)—Rua João Alfredo, 56.

MANAOS—Jayms e Camara—Livraria Classica—Rua Guilherme Moreira.

MARANHAO—Leonio J. de Medeiros e C.º

CEARA—Dallas Torres e C.º

BAHIA—José Luiz da Fonseca Magalhães (Livraria Magalhães)—Rua Direita do Palácio, 38.

PELOTAS—Carlos Pinto e C.º (Livraria Americana).

PORTO ALEGRE—Carlos Pinto e C.º (Livraria Americana).

RIO GRANDE DO SUL—Carlos Pinto e C.º (Livraria Americana) Rua Marechal Floriano, 100.

Em Africa

MOCAMBIQUE—Julio Augusto Pinto de Carvalho.

MOSNAMBUQUE—Joaquim Teixeira de Assumpção.

QUELIMANE—Henrique Jorge de F. Neves.

BENGUÉLLA—Mathews e Tavares.

LOURENÇO MARQUES—D. Bernardo Heitor da Silveira de Lorenza.

BOLAMA GUINÉ—Cesar A. Gouveia da Silva Botelho, Thezourario geral da Provincia.

Na India

NOVA GOA—Antonio M. da Cunha—Ocas Luzo Franconza—Rua Alfonso de Albuquerque.

No Continente

EVORA—(Agente geral em Evora e no Sul) Luis Teztre Correia, Rua de Ladeira, 18.

BENAVENTE—J. N. S. Carvalho.

PONTE DE LIMA—(Gama, Amara! & Com.º)

COIMBRA—José Ribeiro Arrobas, Atico de Ivo, 1.º

CASP. LLO BRANCO—Pedro Augusto Passos.

BRAN FES—Antonio Augusto Salgueiro.

ELVAS—João Antonio dos Santos Sobrinho.

LEONIA—José Narciso da Costa.

PORTALGUEZ—Domingos da Guerra Conde.

LEIRA—Manuel Pereira Dias.

FIGUEIRA DA FOZ—Antonio Marques de Oliveira.

VIANNA DO CASTELLO—J. B. Domingues.

CORCUBIM—José Pereira Cabral.

TAVIRA—José Maria dos Santos.

FAHO—Mayra & Trigo.

No Estrangeiro

PARIS—Xavier de Carvalho, Boulevard Clichy, 16.

Calmo no dia dos annos do filho dá meia libra em ouro, e diz-lhe:

—Agora vê lá o que fazes com esse dinheiro. Nada de tolices. Pegas na meia libra e compra uma bolsa de prata para a guardares.

CAPAS PARA O «BRASIL-PORTUGAL»

A empresa encarrega-se de fornecer aos srs. assignantes do **Brasil-Portugal** capas elegantes e simples, para encadernação do 1.º e do 2.º anno da Revista, ao preço de 800 réis cada capa; e sendo a encadernação por conta da empresa, 1\$200 réis cada volume.

Tambem se encarrega de encadernações de luxo a varias cores, por preços moderados.

No Brasil custa cada capa réis 5\$000.

Os pedidos podem ser dirigidos a esta administração ou ás agencias do **Brasil-Portugal**.

—Não jogue nunca, porque se joga um dia, tenho a certeza de perder no dia immediato.

—Faça uma coisa, jogue um dia sim, outro não.

Cartaz da Quinzena

S. Carlos.—Apostar de ser cedo ainda para a abertura da época de 1901-1902, sabe-se já que a empresa Paccini renovou as escripturas da sr.ª Belincioni e do barytono Menotti, que cantarão além da *Tosca*, os *Maestros Cantores de Norenberg*, de Wagner, que pela primeira vez se ouvirá em Lisboa.

Artistas novos virão uns poucos, e entre elles a *prima-dona* Emma Carelli, que debutará na *Zerz*, de Leoncavallo.

O *meistro* parece que será Luigi Mancinelli, irmão do que cá esteve ha annos.

Trindade.—Continúa agradando a companhia de zarzuela hespanhola, que vae agora ser enriquecida com uma nova *triple*, cujo debut se annuncia para uma das primeiras noites. A *Golfemia*, parodia da *Bohemia*, que se representou uma noite d'estas, tem graça e está muito bem arreglada.

Rua dos Condes.—Breve a opereta de *Esculapio* e Dias Costa cederá o lugar em scena á parodia feita pelo mesmo escriptor, com musica do mesmo maestro, á *Bonoca*. Inutilisa-se *O bonoco* e á parte da protagonista é um delicioso *travesti* feito pela gentilissima actriz Luz Velloso que tanto se distinguio na primeira opereta.

Avenida.—Está marcado para a noite de 10, a representação da magica *O cabo da carrola*, que é posta em scena com grande apparato. *Mis-en-scene*, guarda roupa, musica e scenographia é tudo novo em folha.

Principe Real.—Está representando a companhia d'este theatro a peça original de Julio Kocha, *Padres e Jesuitas*, que tem agradado muito.

Depois a companhia pensa em fazer uma digressão pelo Alentejo e Algarve, com algumas peças do seu repertorio e entre ellas, a *Rosa envidada*, de D. João da Camara.

Infante.—Mudou de espectáculo. A *Historia da Carochinha*, de Eduardo Schwalbach cedeu o lugar ao *Desocca milho*, ao duetto dos patos da zarzuela *Marcha de Cadix* e de uma pantomima imaginada pelo actor Augusto Xavier de Mello, com musica de Philippe Duarte. Os pequeninos artistas foram applaudidissimos, e entre elles a actriz hespanhola de 8 annos, Ignaz Garcia, notavel pela graciosidade e maleabilidade da physionomia.

Provenem os preciosos vinhos
de D. Adriano Ramos Pinto

DO PERIGO DE FAZER VISITAS LEVANDO CÃES

(Conto mudo)



I



II



III



IV

O NOSSO JORNAL

(A quinzena noticiosa)

A VIAGEM REAL

A partida de Lisboa

Largou do Tejo ás 2 horas e 38 minutos da tarde de 20 de junho a esquadra conduzindo os Reis de Portugal em viagem ás ilhas da Madeira e dos Açores. Estava um dia formosíssimo, cheio e azul, e o aspecto do rio era realmente lindo. O cruzador *D. Carlos* era seguido do *S. Gabriel* e *D. Amelia*. A bordo do primeiro foram, além dos Soberanos, o Presidente do Conselho e o Ministro da Marinha, a dama da Rainha, *D. Maria Francisca de Menezes*, o veador Conde da Ribeira, o camarista de El-Rei Conde de Tarouca, o ajudante contra-almirante Guilherme Capello, e o secretário Conde de Arnozo. Os officiaes ás ordens tinham seguido dias antes no *yacht* real *D. Amelia*.

Ao Arsenal da Marinha, onde as Magestades embarcaram na gaieta que os conduziu ao cruzador, foram dar-lhe as despedidas todo o corpo diplomatico, côrte, os ministros, funcionalismo publico, officialidade do exercito e da armada e um sem numero de senhoras, que abrilhantaram a despedida com as côres claras e variadas das suas *bolletes* de verão.

Até bordo acompanharam os Reis, o Príncipe Real e o Infante D. Manuel, seus filhos, que retiraram depois no regresso para Gintra, onde se conservam até Suas Magestades regressarem; e os ministros, que pouco depois se reuniram no Ministerio do Reino para consultarem na forma a seguir para o expediente das duas pastas, cujos ministros foram tambem na viagem.

Na Madeira

A chegada ao Funchal foi no dia 22, ás 2 horas, pouco mais ou menos, como estava indicado no programma, que tem sido seguido á risca. Logo que se avistou a esquadra subiram ao ar numerosas girandolas de foguetes, e de bordo de um sem numero de embarcações e da grande multidão que enchia o caes e as muralhas, romperam estrepitosas vivas n'uma ovação verdadeiramente delirante e prolongadissima.

Tres dias passaram as Magestades n'essa deliciosa ilha da Madeira, onde o pittoresco tem um encanto especial, e onde a população ás acollheu com o mais espontaneo e caloroso entusiasmo. As ovações seguiram-se sem interrupção, nos passeios, nas visitas, nos jantares, nos bailes, nos theatros, em toda a parte onde appareceram os Reis. Um espectáculo interessantissimo lhes foi offerecido, pela sociedade elegante do Funchal, que terminou com descantes e danças originalissimas, que tiveram sobretudo para os roazes viajantes uma deliciosa novidade. Essa noite foi triumphal. Os vivas ao Rei e á Rainha, as palmas, as acclamações foram ruidosas e acompanharam-os até ao Paço.

Nos Paços do Concelho houve recepção, a que compareceu o corpo consular *in grand complet*, pronunciando El-Rei um bello discurso, seguido de sincericidade e de agradecimento pela maneira como o Funchal o recebera. A Rainha visitou os hospites e os avios, o Rei os quartéis; houve uma scenção lindissima á Senhora do Monte, com uma *garden party* na quinta do sr. Luiz Rocha Machado; banquete no Paço, com a assistencia das autoridades; illuminações brilhantissimas na bahia, com fogos de vista; *retroie* militar, na qual figuravam 600 soldados; missa campal, celebrada pelo Bispo no Campo D. Carlos, e assistida de uma multidão enorme e de toda a guarnição militar; um passeio á quinta do Pulheiro Ferrario, propriedade do subdito inglez o sr. Blandy, que com um almoco de 300 talheres, em que o *emphyreote* brindou ás Magestades, agradecendo El Rei, e uma partida de *Lawn-Tennis*, em que tomou parte o Soberano; inauguração da exposição industrial e agricola, minuciosamente visitada e admirada pelos Reis. A volta para o Paço o povo rompeu em acclamações vibrantes e El-Rei, apparecendo á janella, levantou um viva á Madeira, que produziu enorme entusiasmo. O baile n'essa noite, na quinta do Vigia, foi um verdadeiro encanto. O parque e a quinta estavam todos illuminados a balões e copos de côr. Na quadrella de honra a Rainha dançou com o Conde da Torre Bello,

e o Rei com a Condessa, vis á vis o Presidente do Conselho com a esposa do Presidente da Camara, e o Ministro da Marinha com a esposa do Governador Civil. Na segunda quadrella, a Rainha teve por par o Presidente da Camara e por vis-à-vis o Governador Civil com a Condessa do Ribeiro Leal. A' ceia, que foi de 800 talheres, houve dois brindes, um do Conde da Torre Bello ás Magestades, e outro de El-Rei, prometendo voltar á Madeira.

No ultimo dia, o passeio foi á quinta da Choupana, dos Viscondes de Gacongo. Almoco em pequeninas mesas, debaixo de formosos caramanchões. Ao brinde do Visconde seguiu-se outro de El-Rei, testemunhando todo o seu reconhecimento pela recepção, mais que brilhante, cultissima e sincera feita por toda a população. Da quinta dirigiram-se os Reis para o caes, onde embarcaram. Esse trajecto, o ultimo, pelas ruas do Funchal, foi verdadeiramente triumphal. As despedidas, affectuosissimas, o aspecto da bahia, lindo.

E a esquadra levantou ferro em direcção a Santa Maria.

Nos Açores

Aos Açores chegou a esquadra na tarde de 27, ás 4 horas, depois de uma viagem lindissima, por um mar calmo. A primeira ilha onde tocou foi em Santa Maria, recebendo El-Rei a bordo os cumprimentos das autoridades, á frente das quaes estava o Governador Civil de Ponta Delgada, que ali se dirigira para esse fim. Muita gente em barcos. Grande ovação.

Uma hora depois seguiu o rumo do Fayal. Eram 6 horas da manhã quando a divisão entrou no canal das ilhas de S. Jorge e Pico. No topo avista-se a ilha do Fayal, e no fundo da bahia a cidade da Horta offerece um aspecto lindo. Ao seu encontro apparecem varias embarcações e a divisão atravessa no meio d'ellas, e pela prôa do *yacht* *D. Amelia*, a canhoneira *São* e tres navios estrangeiros que all foram prestar homenagem aos monarchas portuguezes: a cruzador *Victoria*, hespanhol, e os ingleses *Austrail* e *Severn*, cuja marinagem, do alto das vergas, os saúda. A bordo são recebidos os commandantes dos navios estrangeiros, declarando o inglez que tinha recebido ordem do seu governo para ficar ás ordens de El-Rei durante a viagem pelos Açores. Ao desembarcar, estrondosas acclamações, a Camara Municipal lê uma mensagem prestada de fidelidade a El-Rei e á bandeira portugueza. Agradece Sua Magestade, que se dirigiu á igreja matriz-debaixo do pallio, entre alas de povo, victorioso e á Rainha. O castello de Santa Cruz salvou, respondendo-lhe os navios. Da igreja dirigiram-se para o palacio do Governo Civil, transformado em Paço, e no qual houve recepção. Depois visitaram as installações da estação do Cabo Submarino e os jardins, onde o chefe, que é um allemão, offereceu á Rainha lindissimos frascos em prata e crystal para agua de colonia e a El-Rei um estojo muito curioso com varios tipos de Cabo Submarino. A' ida e á volta o povo victorioso delirantemente os Reis que n'ótte assistiram ao baile do Club, dançando a primeira quadrella a Rainha com o Barão de Roches e o Rei com a Baronesa. A' 1 hora serviu-se a opiparar ceia.

No dia seguinte, os Reis ouviram missa, visitaram diferentes estabelecimentos da cidade, assistiram de bordo do *S. Gabriel* á regata, que foi triumphal, e foram um passeio para a praia de Caldeira e do Pinar, seguidos de muitas carrações, e inauguraram o posto meteorologico.

Ao jantar de gala assistiram o Bispo, Governador Civil, Presidente da Camara e os commandantes dos navios surtos all, tanto nacionaes como estrangeiros. Foi de 120 talheres esse banquete.

As illuminações produziram lindissimo effeito e as ruas da cidade conservam-se apinhadas de gente, que tem chegado das outras ilhas para assistir ás festas.

O monarcha agradeceu com as honras de ajudante do campo os capitães de fragata Azevedo Gomes e Gomes Goelho, commandantes do *S. Gabriel* e do *D. Amelia*, navios que fazem parte da esquadra real.

Tanto os navios ingleses como o hespanhol acompanharam El-Rei até S. Miguel e depois até Lisboa.

A' sua saulda do Funchal, El-Rei agradeceu com a grã-cruz da Conceição o Governador Civil, José Ribeiro da Cunha.

Um caso interessante

Nos tribunaes vem agora debater-se um caso muito interessante, a que os jornaes já alludiram, encobridor no entanto ainda os nomes de alguns personagens que n'elle figuram.

O caso encerra-se no seguinte: Um individuo tinha amores com uma senhora que deu á luz uma creança, a qual engeitou. Passado tempo, esse individuo foi á Marinhola, deu os signaes da creança e perflhou-o, dando-lhe a crear para a aldeia. Mais tarde casou e fez testamento a favor de sua mulher. O filho cresceu e casou tambem, e, antes de morrer, o paé parece ter-lhe dito: «Faz valer os teus direitos de filho, quando eu morrer». Nessa occasião a madrastra interrompeu para dizer: «Náo façás caso, elle não está já bom da cabeça». O rapaz, que não era muito atilado, nunca mais pensou no caso, a mulher deixou-o e o rapaz cahiu em canteleiro. Hoje tem quarenta e tantos annos e vende cauteilas. A madrastra morreu depois, e a fortuna, que era grande, foi parar aos seus parentes. O canteleiro ficou sem nada.

Mas esta historia era conhecida de um sujeito chamado José Leão Abrentes, que havia sido amigo do paé e que depois de arranjar todos os documentos comprovativos da filiação do canteleiro, e de estabelecer a este uma mensalidade de 15000 reis, foi ter com o advogado dr. Alexandre Braga e entregou-lhe a questáo, que ao desviar-se fez grande impressáo na capital por causa da situação do canteleiro.

Agora os tribunaes decidirão se elle tem ou não direito á fortuna. Se disserem que sim, o canteleiro receberá, além da fortuna, o juro desde o dia da morte de seu paé, mas o peor é que parece que muitos dos herdeiros gastaram já tudo e estão sem vintém.

Como vem a questáo é interessante.

VARIAS NOTICIAS

Lisboa — Foi promovido a coronel de artilheria o sr. Infante D. Afonso, irmão de El-Rei, que tinha o posto de tenente-coronel honorario. Ao contrario do que se dizia, não lhe foi dada commissáo alguma de servico.

O official de marinha Carlos Marianno de Carvalho, filho do grande jornalista director do *Populár*, o conselheiro Marianno de Carvalho, casou com a sr. D. Bertha de Mendonça Alves, senhora pertencente a uma familia distincta da Abrigada.

Foi agraciado com o titulo de Conde de Aureal o dr. João Maria Correia Ayres de Campos, de Coimbra, antigo deputado e rico capitánista, e com o de Visconde, seu filho, João de Sande Mexia Salema Ayres de Campos.

Um casamento aristocratico: o do sr. D. Sebastião de Lencastre, filho do fallecido official de marinha D. Pedro de Lencastre (Alcobaças), e da sr. D. Maria Lima de Oliveira Calheiros, filha dos Condes da Guarda. O noivo pertence ás casas Alcobaças e Bertlandos, pelos avós paterno e materno, e a noiva ás casas Guarda e Galleivas.

Assistiu ao casamento a elite da sociedade elegante.

Por causa de um regulamento, impondo-lhe varias prescripções hygienicas, os donos das estalagens, onde costumam alojar-se os almocorres e as lavadeiras, fizeram grève e uma d'estas náo se desamou os freguezes na rua Aconchegada, que em seguida se deu o nome ás lavadeiras chegam em maior numero, as carroças, cheias de trouxas, ficaram todo o dia nas ruas, em frente das estalagens. Houve algumas gatuñices.

Os estalajadeiros afinal abriram á noite, depois de lhes ser prorrogado, até ao fim do anno, o cumprimento de um artigo do regulamento, contra o qual elles haviam protestado.

Casou o sr. Antonio de Sousa Lobo de Almeida, filho do fallecido Visconde de Pernes, com a filha da sr. Condessa das Antas, D. Maria Angelica Araujo da Silva Pereira. Casamento aristocratico, em que a *corbeille* da noiva regorritava de brinques, cada qual mais rico e de maior conto.

Milheirase em 1903 o centenario do Collegio Militar-se que foi fundado no principio do seculo passado pelo coronel de artilheria Rebelo, sendo installado na Torre de S. Julião, com o fim de dar educáo aos filhos dos officiaes, que então residiam muito longe das escolas existentes. Dez annos depois é que o collegio passou para o Estado, e, depois de varias transformações, está hoje no seu maximo grau de perfeição.

— Foi o capitalista Julio de Seixas quem comprou por 800000 réis o paço Ribeiro da Cunha, á Patriarchal. O novo proprietario, que vem para lá morar com seu irmão, é filho do argentario fallecido já, o par do reino Manuel Antonio de Seixas, mais conhecido pelo nome de Seixas do Rocio.

Casou o sr. Fernando Schwalbach, filho do general Fernando Schwalbach, com a sr. D. Virginia de Almeida Mourão Garças Palha.

O emigrado brasileiro Antonio da Costa Berlivo mandou resar na igreja dos Martyres uma missa por alma do almirante Saldanha da Gama. Assistiram o capião de mar e guerra Augusto de Castilho, e grand: numero de membros da colonia brasileira, entre outros, os sr. José Antonio de Freitas, Antonio Ferreira de Carvalho, Antonio Pereira Costa, João Carlos Andrade, Alvaro da Costa, Antonio Lima, Rodrigo Leão, Francisco Maria de Carvalho, Rogério Lopes, José dos Santos Carmelino, etc.

— Voltou ao Tejo, depois de 11 annos de ausencia nos mares da India, a canhoneira *Bengo*, que foi mandada passar ao estado de desarmamento geral.

Casou o sr. Julio de Campos, filho do industrial João de Campos, com a sr. D. Celestina de Sousa Sant'Anna.

Tambem se realison o enlace matrimonial do sr. João Ferreira da Silva com a sr. D. Palmyra da Cruz.

Porto. — A excursáo a Vigo foi concorridissima. O comboio partiu ás 3 1/4 da madrugada de sabado, com um porto de mil pessoas e uma banda de musica. Em Vigo, numerosa multidáo esperava os excursionistas, levantando vivas aos portuguezes a que estes responderam com outros aos hespanhoes. Numerosas commissões dos arredores tem vindo cumprimentar os excursionistas, em honra dos quaes houve á noite uma recita de gala.

No dia seguinte houve um bello passeio maritimo em 42 vapores e á noite illumináo.

— Vaé construir-se nas ruinas do seminario o novo edificio do collegio dos orphãos.

— Foram presos Antonio Pereira Mendonça e sua mulher Margarida Godinho d'Oliveira Valente, da villa da Feira, por terem roubado no tracto do Porto para Espinho, a aneis e 1 par de brinques de brilhantes no valor de 1 conto de réis.

— Na estrada de Gondomar, o trabalhador Acacio de Oliveira foi horivelmente esfaqueado por um visinho Manoel Mendes que ainda não foi preso. O trabalhador morreu depois, no hospital.

Náo já comecar breve os trabalhos de construcção do edificio do caminho de ferro, na estação de S. Bento.

O novo consul do Brasil sr. Córado, tem visitado varias associações e redacções dos jornaes.

— Por querer seguir para o Brasil com passaporte falso, foi preso a bordo do vapor *Trizer*, José Moreira de Almeida, trabalhador, natural de Calheta, em Maia. Descobriu-se depois que elle é accusado ha 10 annos de homicidio na pessoa de Manoel Ferreira de Souza.

— Começou a construir-se em Mattosinhos, uma praça de touros.

— Em Gaya, uma creança de 2 annos, filha de José Barbosa, cahiu a um poço e quando conseguiram tira-la de lá, estava agonisante, morrendo em poucos minutos.

— Assumiu o cargo de governador civil, o Presidente da Camara, Dr. Wenceslau de Lima que substitue interinamente o Dr. Pereira e Cunha, que está com licença para ir ao estrangeiro tomar aguas.

— O illustre escultor Teixeira Lopes recebeu no Rio de Janeiro um telegrama notificando-lhe terem sido inauguradas as portas por elle esculpidas para a igreja da Candelaria, e as quaes foram muito elogiadas sob o ponto de vista artistico.

— Suicidou-se atirando-se da ponte D. Luiz, Francisco Monteiro da Costa.

Coimbra. — O congresso socialista aqui reunido correu com muita ordem. Discutiram-se algumas questões importantes e por fim entre outras conclusões, votaram-se estas:

Influir que as cooperativas existentes e futuras concorram a favor da propaganda socialista e educáo dos trabalhadores, bem como para o fundo destinado a trabalhadores invalidos.

Aconselhar á junta federal absoluta e rigorosa disciplina, recorrendo, quando preciso, a medidas energicas, já no tocante a pessoas, já a corporações; promover com toda a solícitude a ex-

ecução das leis respeitantes ao operariado, ter sempre em vista repudiar quaesquer monopolios capitalistas e esforçar-se na lucta contra os existentes; dar valioso apoio á pretensão dos operarios da fabrica da Marinha Grande.

— Resolveu-se tambem espalhar pelo paiz um manifesto acerca dos trabalhos do Congresso, e saudar operarios, boers e muitas outras pessoas que não vem ao caso.

— É claro que alguns congressistas tentaram fazer politica republicana mas não o conseguiram.

— Deu-se um tristissimo caso. Um filho do tenente de artilheria Jacintho dos Reis Ficher, que estava destacado na Figueira, appareceu morto por asphixia na manhã do dia em que se devia baptisar, tendo vindo expressamente da Figueira o paé para assistir á festa. Julga-se que foi a ama que queria dormir, o asphixiou sem querer. A impressáo foi enorme.

— A festa da Universidade á Rainha Santa Isabel realisa-se no dia 4 na igreja de Santa Clara, mas não haverá o prestito universitario áquelle tempo, como se disse.

No dia 9 é a festa da Confraria.

— Inauguraram-se os trabalhos da nova linha ferrea Fafe. Assistiram diversos delegados do governo e o director do Caminho de ferro.

— Foi arrematado por 1150000 réis a restauração da parte da muralha da Couraça de Lisboa que tinha alluido o inverno passado e que era um grave perigo para as casas vizinhas da rua da Alegria.

Bragá. — Com enorme concurso de forasteiros, talvez maior do que no anno passado, fizeram-se os grandes festejos de S. João e S. Pedro. Dos arredores correu muito poço. Calcula-se em 60000 o numero de pessoas que aqui estiveram. Em S. João da Ponte, só na noite do arraial, consumiram-se 200 pipas de vinho. Na feira fizeram-se bastantes transações em gado cavallar e bovino.

Houve um pequeno desaguisado por causa de umas manifestações hostis a uma das bandas militares que aqui vieram, um grupo de gente não concordou com a prioridade concedida ás bandas para executar o seu repertorio e quando a primeira comecou, fizeram barulho, armarão pedriscos e foi necessária a intervenção superior da autoridade militar para apagar o caso, mandando recolher a quartel a banda hostilizada.

— Um braqueuse José Avelino esteve tres dias e tres noites dentro da urna, imitando o celebre Pappas.

Albergia. — Quando José Marques de Paradellós estava deixando bombas de dynamite, uma rebentou-lhe na mão, tendo logo de sofrer a amputação de tres dedos.

Amarante. — Foi morto instantaneamente por uma faísca, a caseira Maria da quinta da Ribeira, em Villa Chã do Morão, a qual deixa quatro filhinhos.

Aramar. — Silvino Coutinho suicidou-se depois de ter assassinado Antonio Paiva, de Travanca.

Arrochelos. — Os gafanhotos continuam a sua destruição. Só um lavrador ficou sem 6 moios de trigo ribeiro.

Elvas. — Casou Julio Albano Monta com D. Respha Sylectica de Andrade.

Evora. — Foi muito concorrida a feira, fazendo-se bom negocio. Os queijos tem-se vendido muito caros, os gansos a preços elevados e as lãs regulam-se a 3200 e 3500 os 15 kilos.

— O asylo escola para cegos instituido pelo fallecido Dr. João Baptista Rello, que dexou 50 contos, va ser estabelecido no Convento Novo.

— Abriu o novo Café Esperança.

— Ardeu a casa onde estava estabelecida uma destillação de aguardente, na travessa do Pínel, se pertencente a Manoel Gonçalves Galiziana, de Lisboa. Só ficaram as paredes mestras.

Ferreira do Zezere. — Francisco Nunes, da Aldeia da Ereira, estando em cima de uma escada colhendo cerejas de uma arvore, cahiu porque a escada regalou e bateu tio desastrosamente que morreu logo.

Guarda. — Vendeu se o terreno para a construcção do novo Sanatorio da Assistencia Nacional nos Tuberculoses o Dr. Antonio de Lencastre acompanhado dos seus collegos doutores Moreira Junior e Augusto de Vasconcellos.

Guimarães. — No caminho de Agra a Rendufe, foi encontrado o cadaver de Francisco Ribeiro Martins da Costa, um dos maiores influentes politicos do concelho e typo de verdadeiro fidalgo, muito respeitado e querido. A principio

juígo-se que elle havia morrido de repente, mas agora soube-se que tinha sido assassinado.

Francisco Agra, como elle era mais conhecido, havia ido inspecionar umas obras de uma sua propriedade. No caminho, dispararam-lhe um tiro d'espingarda e a bala entrou no hombro direito indo alojarse debaixo do braço esquerdo. Por ora, não se descobriu ainda o assassino.

O caso fez grande sensação porque o morto era muito conhecido não só aqui no norte como em todo o paiz. O seu funeral foi imponente. O ex-ministro conselheiro João Franco Castello Branco, que desde 1884 representa em côrtes este circulo, veio expressamente assistir ao funeral.

Idanha a Nova.—As nuvens de gafanhotos que tem apparecido, procedem de Hespanha. Alguns d'estes levam horas a passar a raia. Entre os lavradores reina grande terror.

Mangualde.—Cahi de uma cerejeira Maria de Assumpção de Torres Tavares, partindo uma perna.

Anna Ephraïma, da povoação da Roda, quando ha dias sahia a buscar agua deitou em casa uma filha de 7 annos. Ao voltar encontrou a toda queimada, agonisante no meio das mais horrosas dores.

Niza.—A freguezia de Montevillo foi invadida por enorme bando de gafanhotos que predricaram numerosas searas, milho e hortas. A area atacada monta fi a 4 kilometros quadrados.

Pennafiel.—Formou-se um incendio tendo incendiado tres casas do sítio do Bairro, freguezia de Labregos, pertencentes a José Guedes e a seu irmão Antonio que não as tinham no seguro.

Portalegre.—Ainda não está marcada a data da inauguração da illuminação electrica da cidade. Preparam-se grandes festejos.

Portimão.—Recriram muitos agricultores este concelho, com um Syndicato agricola para organizar uma Adega Social.

Redondo.—Casou o commerciante Antonio Augusto da Costa com a sr.ª D. Maria Joaquina Coelho Girão, filho do abastado lavrador Joaquim Coelho Girão.

Saustarem.—A camara resolveu abrir concurso para a arrematação do abastecimento das aguas n'esta cidade, cedendo á empreza concessionaria todo o material que hoje possui, incluindo os depositos, machinas elevadoras, tubagens, contadores, etc.

Setúbal.—Casou o sr. Alfredo David Matheus com a sr.ª D. Maria Virginia da Conceição.

Thomar.—Para o bazar da Kermesse que se realisar por occasião da festa dos taboelleiros, deram El-Rei uma linda estatueta com um relógio em cima, e a Rainha um par de jarras.

Villa Franca.—A chareite em que regressava da quinta da Casa Nova, o importante lavrador Antonio da Cunha e Silva, voltou-se. O sr. Cunha cahiu tão desastrosamente que ficou muito ferido, morrendo pouco depois. De seus companheiros que eram seu filho Ignacio e o seu amigo Miguel de Souza ficaram ambos bastante contusos.

Vizem.—O inspector da linha ferrea Manoel Pereira Cardoso foi victima na madrugada de 26 de um attentado que o matou. Acabára de fazer a arrematação do abastecimento das aguas, quando lhe sahiram ao encontro varios individuos que o prostraram com uma paulada. O sr. Cardoso cahiu sem sentidos. Muito tempo depois quando voltou a si, encontrou-se com as mãos e os pés atados, o braço ferido com uma facada e outras contusões. Chamou pelo guarda da linha que lhe acudiu com um fogueteiro que passava n'uma wagon, e o transportaram a casa. Ahí viu que a algibeira estava aberta, e as chaves das gavetas da estação lhe haviam desaparecido. Mandando lá, verificou-se que lhe tinham roubado 26000 réis.

Por ora desconhecem-se os auctores do attentado, mas estão muitas pessoas presas para averiguações.

Fallecimentos

Falleceram:

Libião—Alfredo Guilherme de Oliveira, Alice Saphia Borges Medeiros, Joaquim Barreiros Cardoso, tabelloiro muito conhecido em escriptura na rua do Curio; 1.ª consorte de Melio Lopes, José Ladeira, Antonio dos Santos, José Antonio Vieira Augusta Vitor, Joaquim de Sousa Pass, Matheo Amelia Pessoa de Amorim, Colthello, Maria da Conceição Saldanha Machado, a esposa Gervasio da Silva, Manoel Antonio Cordero, Carlos, Leopoldo da Silva, Maria Theresia Mimoso Roberto, Helena de Vasconcelos, Antero de Silva, viúvo, memento Amalio Orosvaldo, Manoel Orosvaldo, Manoel Orosvaldo, Domingos Moraes de Carvalho, José Monteiro, João Maria de Vitorino, Virginia Fernandes Ladeira, Francisco Gonçalves de Aze, Francisco José de Amorim, João Antonio de Amorim, Henrique Statthiller, Angela do Amaral, Maria da

Conceição Fonseca e Lagos, Antonio José Vieira, Maria B. neticia de Sales Oliveira, Isabel Maria da Encarnação Tavares, Germana Magdalena Baptista, Luiz José de Sousa Freireira, Alberto Baptista Pereira, José Maria da Costa Neves, Guilherme Luiz de Moura, Nascimento Carrasco, José Maria Eloy, Guilherme Adolfo Salazar, Francisca Maria do Carmo Vieira, Carlos Sabino de Almeida, Lúcia Andrade Brandão Pais, Ignacia Maria da Conceição de Almeida, João Borges, Maria da Conceição Sousa Godinho, Angelica Marques, Francisco de Gusmão de Paula Sousa Santos, meenas Augustina Ferreira, Eduardo Augusto Gerd, Joaquim Maria Vitorino, João Val de Carvalho, Anna de Jesus Gomes, Luiz de Oliveira Vitor.

Porto—Theresa Maria Gomes, Maria Luiza de Sousa, Umbelina Alves Rodrigues, Augusto Ferreira de Sousa, Augustina; José Maria dos Santos, José Mendes Esteves, Bernardino de Mattos Cardoso, Henrique de Sousa Arroyo, Bento dos Santos, José Paulo Bragança, negociante; Aff.ção Gonçalves.

Aldegaçal—Francisca e a Anjos Costa. Alberto Valth Vieira. José—Joaquim Paula Fajão.

Braga—Maria de Magalhães, Dr. Antonio Maria Pinheiro, José Bento Costa.

Caxoes—Francisco Antonio Mascarenhas Alves. Cetti—José Maria Pereira.

Colmeia—Virgínia Garcia Sampaio, Antonio Avelino Ferraz, João Rodrigues de Deus, Antonio Alves Ferreira Braga, Colmeia—Dr. Pedro Rebelo Carneiro.

Ecora—Gastão Augusto da Conceição. Famalico—José Medeiros.

Faro—José Francisco Guimarães. Gora—Luiz Manoel Ignacio Dias.

Guarda—A. Soares Iordallo. Guimarães—Augusto Maria de Figueiredo Pereira e Vasconcelos, Francisco Pereira Martins da Costa.

Leiria—Margarida Antonio Belle. Miranda do Corvo—José Pedro de Silva Bastos.

Ourique—Augusto Guilherme de Castro. Ovar—Luiz de Oliveira Bastos.

Ponte de S. Tor—Francisco de Sá. Portalegre—Maria Emilia Carrilho Gillo.

Portimão—Francisco Calves. Póvoa do Varzim—Baptista Sampaio.

Santarém—Candida Amelia Ferreira Simões Neto, Francisco da Silva Magalhães.

S. João de Arribas—Antonio Alves de Figueiredo. S. Pedro do Sul—Paulo Corvêa de Lacerda, Edgardo da Casa Real e pape de s.ª marquesa de Belem, dama da rainha D. Maria II.

Trofa—Maria da Piedade Teixeira Alves. Thomar—Lomago José Ferreira Braga.

Vila Rica—Pedro de Sousa. Trancoso—Saudade Bravo, Joaquim Antonio Mendes. Villa Franca—Joaquim Fernando Filho.

Vila do Porto—Eduardo Augusto Sousa Galvão, Vianna do Castello—Marlyana de Passos. Villa Nova da Barreira—Maria Calvado.

Vizem—Conde de Trime.



Numa aleia, em casa do marceiro: —Oh! tio João, mas esse caixão é muito pequeno para meu tio!

—Qual historia! Então eu fazia lá isso ao pobre homem! Nada, tem mais de dois centímetros para se mexer.

BIBLIOGRAPHIA

O Reconhecimento do Imperio. —O reconhecimento do Imperio Brasileiro, 1901. —H. Garnier, livreiro-editor, Paris.

É um volume de perto de 400 paginas, elegante, em bello typo e nitidamente impresso. Constitue uma valiosissima contribuição para a Historia diplomatica do Brasil. Foi dedicado á memoria do amigo do auctor, Barão de Itajubá, natural de Berlim, com quem servira como secretario da legação. Essa dedicatória constitue um excerpto litterario verdaderamente tocante, a sua edição esculpe em marmore os pensamentos que quiz transmitir. O estilo é polido e luzente como o aço, tão suave de ephonia que lembra a irradiação ciciando entre violetas e murres. O vocabulario fala aos olhos, dá cor e vida ao sentimento.

O objecto do livro é o reconhecimento pelas potencias do imperio brasileiro. A independencia consummou-se em 1822, o reconhecimento do imperio do Brasil pelo reino de Portugal apenas se effectou em 1825, e antes da ex-metropole nenhuma nação europeia, nem mesmo a Inglaterra de Conning, se abalanzara a receber em seu convio official a colonia insurgente. De 1823 a 1827 coube, pois, á joven diplomacia brasileira pugnar na Europa pela admisso do arropo politico do mundo civilisado da nova nação americana. Os encarregados d'esta missão na Europa são Caldeira Brasil e Gomeiro Pessoa, o primeiro recebeu o titulo de marquez de Barcabene e o segundo o de visconde de Itaboyana.

O sr. Oliveira Lima descreve d'esta modo o nascimento e o estado politico da Europa depois do congresso de Vienna e mostra-nos o vivo interesse do grande ministro inglez Conning no reconhecimento pacifico da independencia do

imperio. O auctor nutre uma especie de idolatria por Conning.

Oliveira Lima incitou muito novo a sua carreira litteraria, apostolando os principios que podiam enaltecer o seu querido Brasil. Em 1885, bem creança ainda, fuzia elle no *Correio do Brasil* a critica bibliographica do *Abolicionismo*, do sr. Joaquim Nabuco, essa nobre figura da patria brasileira, que é ao mesmo tempo uma gloria fulgurante da nossa época, ao capitulo historico da emancipação da especie humana.

Oliveira Lima pateoteia-se, ainda na alva da vida mental, já com uma agudeza rara examinando o livro de Joaquim Nabuco e a lei da *liberdade do ventre escravo*, do barão de Rio Branco. Parece-nos já um Aristarco apurado e auctoritativo da applicação, não a lampada ideal casa-se com Joaquim Nabuco, visando a reconstrução do Brasil sobre o trabalho livre e unido das raças na liberdade.

Filho de Pernambuco consagrou-lhe o primeiro livro, que é um hymno de amor ao seu ninho materno.

O sr. Oliveira Lima é mais do que um trabalhador consciencioso, ainda que isso já não seja pouco. Nesta, como já em outras obras, revela elle como um investigador de rara sagacidade, extraordinariamente bem dotado para este genero de empreendimento, tanto pela natureza como pelo saber adquirido, não lhe faltando nem o instincto mineiro do explorador, nem a ferocidade da applicação, nem a lampada da segurança do siso critico. De tudo isto tem elle provido com abundancia. O auctor encara o problema diplomatico d'esta época historica por todas as faces, e de todas ellas soube tirar luz, ou antes sobre todas as derramou elle. Quando um objecto qualquer de contemplação intellectual suggera uma impressão nítida e forte, uma necessidade de applicação, ou uma expressão do nosso sentir (o qual nunca hesita a expressar, embora semelhante maneira de exprimir em juro esta seja sujeita a ser taxada de subjectiva do caso presente, crêmos deixar assis motivada a nossa opinio), affirmando que este livro é uma obra bem feita.

O sr. Oliveira Lima, na apresentação dos seus juizos, mostra-se um homem sincero. Para julgar lealmente é preciso acreditar firmemente, pedir o suffragio do mundo é procurar desdohonestamente a apparencia exterior da causa.

Os hesitantes fluctuam á mercê dos juizos alheios: *Tot capita, tot sententias*. Só os sinceros tem individualidades. Quanto ao estilo tem feito notavos progressos particularmente na clareza e na elegancia. Conta-se que Sr. Jeronymo lançou ao fogo os atyros de Persio pela sua obscuidade.

Depois de fazer a silhueta politica de Conning e de nos dar o perfil da personalidade do imperador D. Pedro I, no meio da narrativa das negociações diplomaticas, conta-nos, para amansar, que, quando D. João VI esperava o portador inglez com a ordem da Jarretreira, só fazia raliar com os physicos da real camara para que puzessem logo garbosa a perna, engrossada pelas erysypelas, permitindo-o receber condignamente a liga symbolica com que Jorge IV queria mimosar o seu fiel alleado.

Na pagina 85 refere-se auctor a lord Amherst, incumbido de no Rio de Janeiro tratar com o imperador, 1825, do assumpto do trafico da escravatura, afim de não permanecer essa vasta mancha negra na nova potencia soberana. A proposito de lord Amherst, que foi governador da India ingleza e que estava na côrte da China, lembra-nos a seguinte anedocta diplomatica.

O alto lord preferiu não ser recebido, a estar de bruços no chão um certo tempo, como exigia a etiqueta do celeste imperio. Napoleão disse a lord Amherst, quando voltou da China:

—Como! Recusastes uma audiencia do imperador, porque era mister fazer uma prostração! Se eu fosse rei de Inglaterra diria ao meu embaixador: *Je Restry deux heures venir à terre, si tu fais, mais neuzerose*.

O livro é acompanhado d'um appendice que encerra todos os documentos originaes que historicamente o fundamentam.

M. F. D.

Entre amigos:

—Estás sempre a fumar, desde pela manhã até á noite!

—Então que queres? Desde a noite até pela manhã estou a dormir.

Perez Galdós

O CEGO

Versão livre de LORJÓ TAVARES

X

Historia de dois filhos do povo

«Não sei que raio de luz do energia e de vontade me iluminaram um dia. Tive uma inspiração, compeliendi que na nossa frente se abriam dois cuminhos, um que poderia levar-nos à cadeia, outro à glória. Carregui, pois, com o meu irmãozinho às costas, como hoje carrego com esta, e disse: «Padre Nosso, que estés nos céus, salva-nos...» E o caso é que nos salvámos.

«Aprendi a lêr, e ensinei depois a Carlos. Servi varios patrões, que me davam de comer e me deixavam ir à escola. Com o que ganhava comprei um molheiro e juntei para comprar livros. Depois entrei nos *Esculapios*, nem sei como, ao passo que meu irmão ganhava a vida como moço de creados, n'uma mercearia.»

— Ora! ora! que lembrança! exclamou Sophia com enfado. A que proposito vem essas ninharias que tanto exageras?

— Não exagero nada, respondeu Theodoro com orgulho. Ouve e cala-te. É uma preleção que devem ouvir todos os pobres, todos os desherdados, todas as creanças abandonadas... Entrei nos *Esculapios* pela Deus como, e aprendi cousas. Um santo sacerdote deu-me bons conselhos e ajudou-me com as suas esmolas. Sentia grande predileção pela medicina. Mas como havia de estudar, se tinha de trabalhar para comer? Esse era o terrível problema a resolver!

Lembras-te, Carlos, do dia em que fomos pedir trabalho a uma antiga loja de barbeiro na rua de Coferros? Nunca tínhamos pegado n'uma navalha de barba, mas como era necessario ganhar o pão escanhando freguezes... A principio eramos simples ajudantes, e só mais tarde empunhamos aquellos nobres instrumentos! A phlebologia foi a nossa salvação. Depois comecé a estudar anatomia, a sciencia admiravel, a sciencia divina! Mas tanto era o trabalho escolar, que tive de deixar a loja de barbeiro d'aquelle famoso mestre Caetano. O pobre homem até chorou no dia em que me despedi. Deu-me dois duros e a mulher presentou-me com um par de calças velhas do marido. Puz-me então a servir como creado particular. Deus protegeu-me sempre, dando-me bons patrões. Boa gente! A minha ancia de saber entrecouros, e por isso deixavam-me livre todo o tempo possivel. Estudei noite e dia, e até dormindo creio que estudava. Era uma preocupação constante, e o serviço fazia-o de esqueleto humano. A melindrosa operação de escovar a roupa do patrião dava-me aza a largas divagações. N'uma mangia do casco via o musculo deltoidé, o biceps, o cado de supinador e o cubito; n'uma perna da calça, os gluteos, os gemellos e o tibial. Muito interessante, creiam. Bella casa! Davam-me os restos da comida que eu levava ao Carlos, que então vivia em casa de um horado ferro-velho. Lembras-te?

— Se me lembro! respondeu Carlos, commovido. Por fortuna encontrei casa a troco de pequeno serviço das contas. Foi n'esse tempo que eu tive o conhecimento com o tal coronel reformado, que me ensinou mathematica.

— Bom, bom! exclamou Sophia. Já vejo que é hoje dia de se mostrar toda essa roupa suja.

— Tu marido, continuou Theodoro, pedia-me pão, e eu dava-lhe mathematica. Um dia o meu patrião deu-me um bilhete para o theatro da Cruz. Levei-o comigo, e divertimo-nos muito; mas teu marido apañou uma pneumonia. Foi um contatempo terrível, que equivaliu a receber uma bala no peito logo ao principio da batalha. Mas como dos fracos não reza a historin, e como era preciso lutar, luctuoso-se. Um professor da escola, a quem me tornára sympathico, tratou-o de graça, e salvou-o.

— Nem sei como o conseguí, estando eu n'aquelle cubiculo imundo, cheio de traparia velha.

— E que tínhamos Deus por nós. Deus estava ao nosso lado. Era o melhor advogado que

podia ter escolhido! proseguiu Theodoro com aquella eloquencia nervosa, febril, ardente, que tão bem o caracterisava. Para que não fáltssem remedios, fizeti eu quasi sem camisa. Não podiam dar-me juntos a pharmacia e os guarda-roupas. Hoje uma receita, amanhã outra... o caso é que o meu doente bebeu-me a caps e depois o casaco, e as calças converteram-se em pilulas. Mas eu tinha uns patrões de lei, e pouco tempo estive... meio nu. Curado teu marido, o medico mandou-o convalescer para o campo. Era caso para largas cogitações. Gogitei, pois, e o resultado foi elle ir convalescer para uma escola de physiologia e de geometria mathematica. Ensinai-lhe então a chimica, e não tardou que adorasse todos os pedregulhos, de modo que, ainda antes de se matricular, já fazia colleção de calhaus nos planos de Santo Iaidro, ao passo que eu seguia o mesmo rumo para a frente, a despeito dos vendavais. Era medico de alma e coação. Um operador celebre tomou-me para seu ajudante. N'esse dia doente de ser criado de servir para servir a ancia, e quando o operador adoeceu cuidei d'elle como o não faria uma irmã de caridade. O homem morreu e deixou-me um bello legado! Uma bengala, uma machina para fazer cigarros, uma busina de caça feita de um chavelho e quatro mil *reales*. Uma fortuna! Teu marido teve livros e eu tive um fato novo. Quando me vesti de gente, comecé a tratar de doentes. Não parecia que a humanidade adoeça só para me dar que fazer! Volveram-se annos sobri isto, e cheguei enfim, depois de muitos tempos, ao porto de abrigo. A tristeza foi-se: ficou a alegria. Deus sorria nos dentro de nós. Um bravo aos Gólfins! Deixei-me então á especialidade de olhos, e dentro em pouco, no combate com os curules, vencer a guerra eu. Mas não bastava. Era necessario mais. Um dialogo que Carlos terminou o curso, arranjel-lhe uma collocação em Rio Tinto, com bom ordenado, e parti para a America. Eu tinha sido uma especie de Colombo, o Colombo do trabalho, ou uma especie de Fernão Cortez. Descobriera um novo mundo, e depois de o descobrir, tinha-o conquistado!

— Elogia-te, elogia-te, eterno fallador! disse Sophia a herosa.

— Se ha honra no mundo, tu és um d'elle! acrescentou Carlos, que professava por Theodoro grande admiração.

— Pois prepare-se agora o semi-deus, continuou Sophia, para coroar todas as suas facturas, fazendo um milagre, pois que milagre será dar vista a um cego de nascimento. E, a proposito, ahí chega D. Francisco.

Seguindo o alto da collina, que serve de limite ás minas da banda do poente, tinham chegado a Aldeacoba, e achavam-se a dois passos da casa do sr. de Penaguillo, que, ao vê-los, sahio ao seu encontro.

Vinha a cahir a tarde.

XI

O Patriarcha de Aldeacoba

— Já o estão ordenhando! disse D. Francisco de longe. Leite fresquinho e authentico, que não podem deixar de aceitar, não é verdade? Como vae a coisosa antarrilha D. Sophia? E o nosso doutor? Então que é isto, que traz ás costas! Que succedeu á Maria Canela? Está coxa? E' a primeira vez que assim cuidam de ti, hein, pequena!

Entraram todos no pateo, até onde chegavam os mugidos das vacas, no curral.

Cheirava a feno, que era um regalo!

— Theodoro, disse Mariuela a um banco de pedra, anda a pobreria, toda acanhamento, se conservou immovel, cravando os olhos attonitos no seu benefactor.

— Onde está Paulo? perguntou o engenheiro.

— Foi agora mesmo para a horta, respondeu D. Francisco, offerecendo uma cadeira fôsea a D. Sophia. Vae ao encontro d'elle, Nela.

Nada, objectou Theodoro, dentro-a. Está prohibido de andar por annuano. Além d'isso é necessario que tome leite commo.

— Não quer vêr hoje o meu rapaz, doutor?

— Basta-me o exame de hontem. A operação pôde fazer-se.

— Com bom resultado!

— Isso agora... Creia que terei um prazer enorme se dar vista a quem tanto merece. Seu filho é dotado d'uma intelligencia pouco vulgar, d'uma grande phantasia, d'uma bondade de eleição. O seu absoluto desconhecimento do mundo exterior faz resaltar estas qualidades, que se

revelam em toda a sua admiravel candura o encanto das grandes creações da Natureza, abso-lutamente estranhas á arte dos homens. Nello tudo é idealismo, mas idealismo grandioso, extremamente bello, e puro como o marmore das pedreiras. Não sabe, e eu sei, que se realdade, e vive a vida interior, a vida da illusão completa... Se eu pudesse fazer luz n'aquelle espirito! Só uma duvida me assalta: ragado o véu que o venda, não transformaremos o anjo em homem? Eis o problema. Eis a duvida. Mas não hesitarei. Apareça o homem. É' um dever da sciencia. Espera-o o descer do alto mundo das illusões á fahera da realidade, e eu sei, que se o seu ser, poderoso quanto se ha á verdade, a precisão e a grandiosidade das idéas, confusas hoje, e então saberá apreciar devidamente as cousas.

N'este momento trouxeram tres copos com leite, brancos de neve, espumante e ainda mórno.

O sr. de Penaguillo offereceu um a Sophia, e Theodoro deu o seu a Nela, que, toda envergonhada, se encolhia a um canto.

— Não sejas malencarada, rapariga! disse Sophia. Aceita o que te dão.

— Rapaz, outro copo para o doutor! disse o dono da casa.

Does uberes turgidas da vacca jorraram immediatamente novos factos de leite.

— E então saberá apreciar devidamente as cousas... disse D. Francisco, em quem esta phrase do medico tivera impellido os incitimos de proferir uma phrase admiravel, doutor. E, já que fallamos d esse assumpto, quero confiar-lhe as inquietações que ha dias me preoccupam.

E sentou-se junto dos seus hospedes.

Nela continuava immovel no banco de pedra.

— Ha dias, continuou elle, que o estado de estucho do meu rapaz me inquieta. Serd isso originado pela esperança que elle incutimos de vêr Talvez. Mas... O doutor sabe já que eu costume lêr-lhe varios livros. Creio que estas leituras têm causado certa exaltação n'aquelle intelligencia, e que se teria desenvolvido n'ella idéas que não poderião caber á vontade no cerebro d'um cego. Não sei se me expribo bem...

— Perfeitamente. Continue.

— Não temo fim as cogitações de meu filho. Causa-me assombro a agudeza das suas observações. Ha nos seus conhecimentos milhares de erros, originados por certo pela falta de methodo da educação, que se lhe deu, e pela ignorancia total do que seja o mundo exterior.

— Evidentemente.

— Mas o mais extraordinario é que, armastado pela força da sua imaginação poderosa, imaginação que eu comparo a um Hercules allegado no fundo d'uma masmorra, e que forceja por despedaçar cadeias e muros...

— Bella comparação, sim senhor!

— Digo eu que a imaginação do pobre rapaz sente-se suffocada nas trevas que o envolvem e vê para o mundo da luz, phantasiando o que a sua vista não pôde ver, e que me fazem ter um extraordinario espirito de investigação, mas esse espirito de investigação é como um grande passaro de azas partidas. Vive ha dias como quem em delirio. Não dormo e a sua ancia de saber toma proporções de loucura. Pede-me a todos os momentos que lhe lha livros novos, e a cada pausa surgem observações imprevistas d'uma figura extrema e d'um candor que me fazem rir. Affirma e defende tremendos absurdos! Chego a recear que endouceira. Outras vezes anda triste e aborsto. Qualquer assumpto deixa-o preocupado durante uma semana. Ultimamente discute elle uma these, que tem tanto de graciosa como de original. Pôis não se lembrou de sustentar que a Nela é bonita!

— Estas pi lavras foram acollidas com gargalhadas, que fizeram corar a pobre rapariga.

— Bonita... disse Theodoro n'um tom cariçoso. Quem duvida de que o seja?

— E a voler! exclamou Sophia. Sobretudo agora, com aquella bigode branco do leite que bebeu.

— Pôis eu affirmo-te que é bonita, continuou Theodoro, acariçando-a. Dá cá o teu lenço Sophia. Fôra com este bigode branco.

Esta caricia defarçada commoveu Nela, que olhou entrecida para aquelle extraordinario amigo.

Theodoro tornou a entregar o lenço á cunhada, e Nela, por ordem de D. Francisco, aiaustouse, coxeando, para acompanhar o cego.

O sr. de Penaguillo proseguiu:

— Quando o contradigo, responde-me que o dom da vista talvez transformo em mim a verdade das cousas. Vejam que engracado disparate!

Este magnífico hotel, situado no melhor logar das Caldas do Gerez, e construído de propósito para o fim a que se dedica, possui além das magníficas commodidades e bom serviço, um excellento parque com jardim, bosques com arvores de boas sombras, casacatas, nascentes de finíssima e deliciosa agua potavel, grande salão recreativo, offerecendo assim aos seus hospedes uma disposição como não tem nenhum outro hotel no paiz.

Qualquer correspondencia pôde ser dirigida a sua proprietaria e directora.

NO GEREZ:

Maria N. M. Salgado

EM LISBOA:

Casa dos Oito Globos

Rua Augusta, 286



ANTONIO DO COUTO

ALFAYATE

Recebe e satisfaz encomendas para o Brazil e Africa com grande desconto

→ Sempre as ultimas novidades ←

RUA DO ALECRIM, 111, 1.

LISBOA

Premiado na Exposição Universal de Paris de 1900. Variado sortimento de fazendas de lã e seda proprias para todas as estações.

ENCYCLOPEDIA PORTUGUEZA ILLUSTRADA

Acha-se publicado o 1.º volume. Preço em todo o Brazil (incl. da brastleira) broch. 33\$000 eis. enc. 40\$000 reis. Assigatura permanente. — Publicação de uma colecciona mensal ao preço de 3\$000 reis franco de porta.

EDITORES: LEMOS & C. successores

Largo de S. Domingos, 63. — PORTO

AGENTES NO RIO DE JANEIRO

A. Mascarenhas & C. — Rua da Huitanda, 38

Agente geral no Brazil: Luiz Guedes d'Amorim

CAPITAL DO ESTADO DE COYAS

DICCIONARIO UNIVERSAL publicado sob a direcção de MAXIMIANO LEMOS

Lente da Escola Real-Graophica de Paris

Com a collaboração efectiva de dr. Adriano Authero de Sousa Pinto, Alberto de Aguiar, A. A. Ferreira de Carvalho, A. J. Ferreira da Silva, D. Antonio Barroso, A. A. Costa Ferreira, Bento Carqueija, cons. Bernardino Machado, Clemente Pinto, Domingos Correia, Domingos Ramos, Edoardo Sequeira, Ernesto Maia, Firmino Pereira, Francisco Antonio Pinto, cons. Francisco da Paula Old, Francisco de Azeredo, Francisco Ribeiro Nobre, Henrique Carvalho d'Assumpção, Jayme de Faria, Jayme Filinto, dr. João Paiva, Joaquim A. Cambeses, José Candido Correia, J. N. Raposo Botelho, José Nunes Gonçalves, José Pereira de Sampaio (Bram), dr. João Henriques, Julio Portella, Luiz Viegas, M. d'Almeida Ramos, Nuno Queriol, Paulo Marcelino Dias Freitas, dr. Ricardo Jorge, dr. Roberto Frias, Simas Machado, Theophilus Braga, Valentin dr. Magalhães, cons. Wenceslau de Lima.

CASA ANCORA

MESQUITA & MACHADO

IMPORTAÇÃO DIRECTA

Grande sortimento e variedade de artigos. O primeiro ponto de reunião de Mandos

RUA MARQUEZ DE SANTA CRUZ

E RUA MARECHAL DEODORO

MANAOS

H. PARRY & SON

Construção de navios de ferro e aço

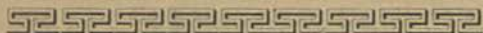
Caldreiras e machinas a vapor para terra e mar

34, R. VINTE E QUATRO DE JULHO, 36

LISBOA

DECS DE REPARAÇÃO EM CASILHAS

ESTABEIRO NO GINGAL



Agencia Financial

DE
PORTUGAL

Rua General Camara - RIO DE JANEIRO

SOBRE-LOJA DO EDIFICIO

DA

Associação Commercial do Rio de Janeiro

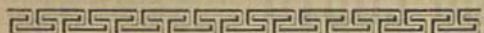
Continua aberto o pagamento de juros da dívida publica portugueza, fundada e amortizavel nos termos da legislação vigente, e bem assim a emissão de

Saques sobre Portugal

pagaveis pelo BANCO DE PORTUGAL (CAIXA GERAL DO THESOURO PORTUGUEZ) em todos as capitães de districto e sédes dos concelhos do reino e ilhas adjacentes

O agente Financeiro

ALFREDO BARBOSA DOS SANTOS.



As mais Utilidades de Portugal
USO INTERNO — Estomago, gota, reuma, tifo, articular, diabetes.
USO EXTERNO — Reumatismo, gota, scla-
lisa, doenças crónicas, etc.

HOTEIS e CASINO

Instalações as mais confortaveis e comple-
tas de Portugal. Este estabelecimento abre em
15 de maio e fecha em 15 de outubro.

Correspondência: Gerente — CUCOS

TURIS VEB'S



AGUAS DE CARABANA

A EQUITATIVA

Dos Estados Unidos do Brasil

SOCIEDADE DE SEGUROS MUTUOS SOBRE A VIDA

Séde social: Rua da Candelaria, 7 — Rio de Janeiro

FILIAL EM BELEM DO PARÁ — SUCCURSAL EM MANAOS

Autorisada a funcionar pelos Decretos n.º 2.245
de 23 de Março de 1896, 3.272 de 8 de Maio de 1899 e 3.304
de 30 de Maio do mesmo anno

SEGUROS SOBRE A VIDA

O seguro de vida na EQUITATIVA representa para o rico um excel-
lente meio de preparar o dote dos seus filhos, assegurando-o desde logo,
se fallecer prematuramente; para o pobre é a melhor garantia para o am-
paro da sua familia se fallecer dentro do prazo do seu contracto e, para
si, um optimo arrimo para sua velhice se sobreviver.

Os contractos da EQUITATIVA, no fim de tres annos, não caducam
mais por falta de pagamento dos premios, apenas o seguro fica reduzido
proporcionalmente ás prestações já pagas pelo seu curador.

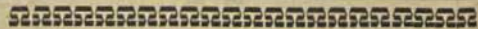
Toda a pessoa providente deve possuir uma apolice da EQUITATIVA
porque, nas suas numerosas combinações da seguros de vida, estão previs-
tos todos os actos de praviencia mediante os quaes, com modica contri-
buição annual, semestral ou mesmo mensal, o rico e o pobre podem ga-
rantir-se a si e aos seus contractados das vicissitudes da existencia.

A EQUITATIVA roga ás pessoas que lerem este annuncio que exami-
nem com attenção os seus estatutos, tabellas e relatorios que são encontra-
dos em Manaos nas mãos do seu representante o sr.

Antonio Ferreira de Andrade

o qual lhes prestará tambem todos os esclarecimentos e informações que
dejazarem sobre esta utilissima instituição.

Rua Henrique Martins, 27. MANAOS



VINHOS e HOS

LEGITIMOS DO PORTO

Premiados nas exposições

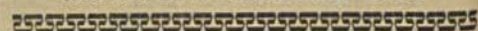
Londres, 1862; Paris, 1867 e Socio 1867 e 1878

ANTIGA CASA

PORTO João Eduardo dos Santos
REGISTRADA FUNDADA EM 1845

MARCA DE COMMERCIO Os vinhos com o nome de minha casa só devem
ser considerados genuinos e authenticos, quando tiverem nos rotulos, ca-
pulas, rolhas, caixas ou cascos, a marca de commercio registrada de
que uso.

À VENDA EM TODAS AS CASAS DE PRIMEIRA ORDEM
JOÃO EDUARDO DOS SANTOS JUNIOR — Porto



COMPANHIA

PHENIX PERNAMBUCANA

(SEGUROS MARITIMOS E TERRESTRES)

FUNDADA EM 1870

Dr. Manoel Gomes Matta
DIRECTORIA Joaquim Dias Fernandes
Luiz Duprat

SÉDE: RECIFE — RUA DO COMMERCIO, 46

PERNAMBUCO

JOÃO BASTOS & C.ª

COMISSÕES E CONSIGNAÇÕES

LISBOA — Rua da Prata, 14, 1.º

HERMINIOS

GRANDES ARMAZENS

PORTO: Rua de St.º Antonio
Rua 54 de Dandara, 29

Estabelecimento dentro do mesmo prédio.
Casa montada sob a organização dos estabele-
cimentos congêneros do estrangeiro. Venda de
todas as artigos indispensaveis

ao vestuário e uso domestico

Dr. Oscar Leal. — Especial-
lista em doenças da bocca, collocação de
dentes e correção das deformidades
maxilas. Consultorio de 1.ª ordem á
RUA DO CARMO, 35, 1.º
(CHIADO)

252525252525252525252525252525252525